

A PESCA EM UBATUBA **estudo sócio econômico**

ESTADO DE SÃO PAULO
GOVERNO LAUDO NATEL
SECRETARIA DE ECONOMIA E PLANEJAMENTO

Le.2b.5

Antonio Carlos Sant'Ana Diegues



SUDELPA SUPERINTENDÊNCIA DO DESENVOLVIMENTO DO LITORAL PAULISTA

pesca - Br - estudo

A PESCA EM UBATUBA

Estudo Sócio-Econômico

ANTONIO CARLOS SANT'ANA DIEGUES

Auxiliares Técnicos:

LUIZ RENATO IGNARRA

CARIRI GEROTTO DE FREITAS

São Paulo, 1974

11-8107

**PROGRAMA DE PESQUISA E CONSERVAÇÃO
DE ÁREAS UNIDAS DO BRASIL.**
IOUP - F. 3.0.1.10.1

246

INSTITUTO OCEANOGRÁFICO
Campus Cidade Universitária
C.P. 05508 - São Paulo
Tel. 210-2122 R. 568

APRESENTAÇÃO

GOVERNADOR DO ESTADO DE SÃO PAULO

Laudo Natel

SECRETÁRIO DE ECONOMIA E PLANEJAMENTO

Sérgio Baptista Zaccarelli

SUPERINTENDENTE SUDELPA

Raul Czarny

COORDENADORES SUDELPA

Antonio de Castilho

Blás Berlanga Martinez

Gilberto J. Weinberger Teixeira

DIRETORES SUDELPA

Grácio Pimentel Marques

Luiz Morimoto

Wilson M. da Costa Florim

APRESENTAÇÃO

A constatação da defasagem sócio-econômica entre o litoral paulista e as demais áreas do Estado, determinou a criação da SUDELPA — Superintendência do Desenvolvimento do Litoral Paulista, como órgão de planejamento, coordenação e execução de medidas que visam o desenvolvimento econômico e social da zona litorânea e sua adequação à economia estadual.

No desempenho das tarefas que lhe foram atribuídas, a SUDELPA vem atuando segundo diretrizes básicas apontadas pela análise do quadro regional, quais sejam:

- Estabelecimento de uma infra-estrutura física e social, como pressuposto básico a um processo de soerguimento sócio-econômico.
- Racionalização e diversificação da agricultura local, base da economia regional.
- Atração de novos capitais, notadamente para o setor secundário.
- Levantamento dos recursos minerais da região e sua viabilidade exploratória.

O documento que ora é dado a público, "A pesca em Ubatuba — Estudo Sócio-Econômico", insere-se no programa de melhoramento das condições de pesca no litoral paulista.

Nesta ordem de preocupação, está sendo construído o terminal pesqueiro de Cananéia e pavimentação de estrada ligando esse porto à BR-116, como base de operação no Litoral Sul. Para o Litoral Norte, Ubatuba como base operacional deverá contar, numa segunda fase, com um outro terminal pesqueiro.

O presente estudo fornece, tanto ao empresário ligado à pesca como a estudiosos do assunto, subsídios interessantes a respeito da evolução da produção pesqueira e das técnicas de captura, das condições de comercialização, das relações de trabalho e participação social.

RAUL CZARNY
Superintendente

ÍNDICE

1. Situação Geográfica	1
2. Histórico da atividade pesqueira em Ubatuba	1
3. Produção	9
3.1. Evolução da Produção Pesqueira	9
3.2. Produção por Espécie em Ubatuba	14
3.3. Valor da Produção	17
4. Infra-Estrutura Pesqueira	17
5. Preços do Pescado	20
5.1. Quantidade Comercializada	20
5.2. Os Preços	22
5.3. O Comportamento da Comercialização frente aos preços	22
5.4. O Papel de Ubatuba	27
6. Comercialização	29
7. Pescadores	30
7.1. Número de Pescadores	30
7.2. Distribuição dos Pescadores por Praias	31
8. Meio Natural e Tecnologia	35
8.1. A Pesca Industrial em Ubatuba	35
8.2. A Pesca Semi-Industrial	39
8.3. A Pesca Artesanal	39
8.4. Tecnologia e Produção	39
8.4.1. Produção Média por Mês	39
8.4.2. Frequência dos Dias de Pesca	40
8.5. Noções de Valor	41
8.6. Renda	42
9. Relações de Trabalho	43
10. Características Gerais da População de Pescadores	46
10.1 Estrutura Etária	46
10.2 Mobilidade Geográfica	47
10.3 Estrutura Ocupacional	47
11. Participação Social	50
12. Dificuldade e Aspirações	52
13. Indústria de Pesca	56
14. Anexos	59
Gráficos — Relação preço/quantidade	61
Formulário para pesca artesanal	80
Quadro de produtividade do cerco flutuante em Ubatuba	89
Quadro de produtividade de barco — Ubatuba	90
Carta da Marinha de Ubatuba	91
15. NOTAS	93

A PESCA EM UBATUBA

1. SITUAÇÃO GEOGRÁFICA

O município de Ubatuba constitui a porção mais setentrional do Litoral Paulista, fazendo divisa com Paratí já no Estado do Rio de Janeiro. Nessa região, a Serra do Mar se aproxima do oceano dando origem a pequenas praias, enseadas e muitas ilhas como a Anchieta, a do Mar Virado e a das Couves.

O município tem uma área de 680 km² e conta com uma população de 15.139 habitantes (1970). Com um crescimento demográfico da ordem de 3.9% ao ano (última década), Ubatuba apresenta uma densidade demográfica de 22.6 hab./km². A faixa litorânea que se estende da divisa com Caraguatatuba (ao Sul) até a cidade de Ubatuba é a mais populosa encontrando-se praias já urbanizadas, como a da Enseada, a do Tenório, ao passo que a Zona Norte, geograficamente mais isolada pela falta de estradas, apresenta uma população mais rarefeita.

Enquanto que na zona litorânea Sul do município a população se dedica mais a atividades do setor terciário, ligadas ao turismo, ao Norte localizam-se vilas típicas de pescadores, como Picinguaba.

Quanto à estrutura ocupacional, em 1970 cerca de 56% da população ativa está empregada no setor terciário (setor de serviços), 32% na agricultura e 12% no setor secundário.

O setor terciário tem crescido rapidamente em Ubatuba, dado o afluxo sempre crescente de turistas que procuram as já famosas praias locais. Na verdade, grande parte da população empregada no setor terciário encontra-se no sub-emprego de temporada, período em que inúmeras pessoas deixam suas atividades na pesca ou na lavoura para se empregar em bares, restaurantes e demais atividades ligadas ao turismo.

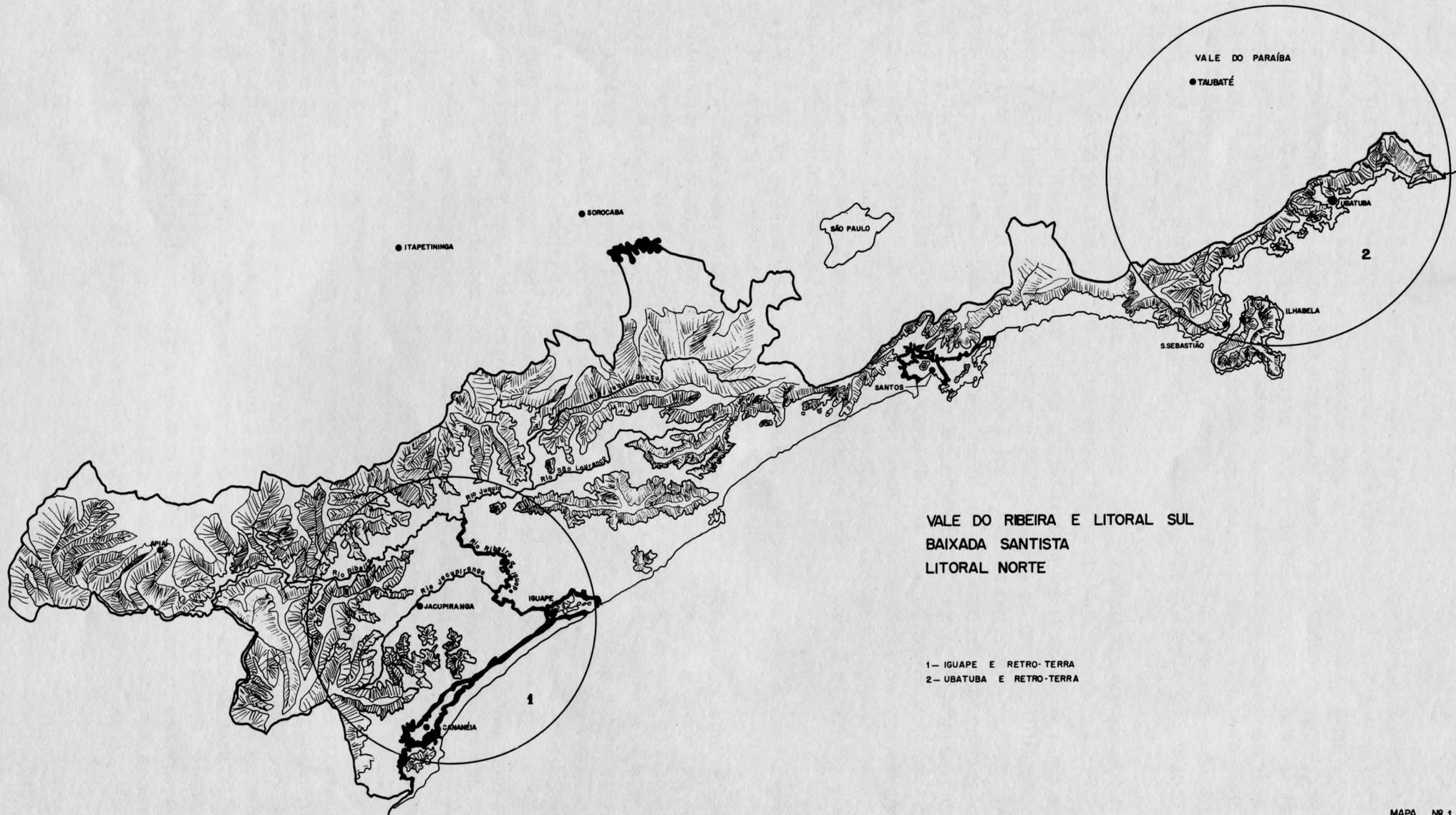
2. HISTÓRICO DA ATIVIDADE PESQUEIRA EM UBATUBA

A pesca hoje em Ubatuba é uma das principais atividades econômicas tanto no emprego da mão-de-obra quanto na riqueza produzida. Estima-se que cerca de 35% da população depende da atividade pesqueira em seus diversos setores: captura, transporte, beneficiamento.

Ubatuba, em meados do século passado foi um dos municípios mais ricos da então Província de São Paulo, chegando a superar a Capital em renda auferida. A base daquele progresso estava no café cultivado no município e especialmente no escoamento da produção cafeeira do Vale do Paraíba que tinha em Ubatuba seu porto principal. A pesca nesse contexto era uma atividade suplementar. Com a queda da produção e da exportação cafeeira por volta de 1880-1890, Ubatuba perdeu toda a influência que até então exercia sobre a economia da Província.

À desorganização agrícola seguiu-se grande evasão da mão-de-obra escrava e a substituição da grande pela pequena lavoura.

Como se operou historicamente esse processo, se em fins do século passado a pesca era uma atividade secundária na região com a produção ocasional de excedente (pesca-



do salgado e seco)?

Há indicações que a pesca começou a ser considerada como atividade econômica importante a partir de 1910, pouco depois da desorganização agrícola de fins do século passado. Mesmo assim, já no século XVIII existem alguns indícios de que se exportava algum peixe, especialmente seco, que tudo indica tratar-se da tainha. Assim, num documento de 1797 aparece: "porém, o importe da Carta de Guia de Licença do Ministro, do escrivão, e 2\$400 a hum próprio que a vae solicitar à Villa de Santos somam quazi ordinariamente em mais do valor do gênero que querem vender — acrescido mais que enquanto vae e volta o enviado envelhece o peixe, vae-se o comprador e perde-se a venda, e acontecendo antecipar as diligências da licença e da dita Carta de Guia da mil peixes, tem sucedido não conseguir esse cômpto e ficar com as despesas o pescador".(1)

Em Ubatuba, segundo históricos de vida, a compra do pescado se fazia também através de barcos santistas como o Audaz, entre 1920 e 1930.

As indicações de Ary França situam também nessa época o surgimento da pesca comercial em Ilha Bela. "É possível datar o início desta nova fase em 1918, ano do aparecimento do pequeno barco a motor, destinado a transportar peixes para o mercado santista. Ao "Audaz" de 7 ton., que consta ter sido o primeiro, no ano seguinte acompanhado por mais três: "Nair" (4 ton.), "Dragão" (6 ton.) e "São Salvador" (6 1/2 ton.), seguiram-se outros de forma que em 1925 costumavam freqüentar a costa da Ilha 25 a 30 barcos a motor (informações dos pescadores ilhenses), incentivando a pesca costeira com a oferta do mercado para um produto que até então "não tinha preço". Mais do que isto, romperiam definitivamente com o isolamento e determinariam o desaparecimento rápido da canoa a voga. Em 1929, nenhuma mais existiria na rota para Santos".(2)

Por volta de 1930 começa a surgir a pesca da sardinha pelas traineiras, que contrasta com a captura artesanal até então existente em Ubatuba.

Gioconda Mussolini analisa detalhadamente a diferenciação entre o pescador caiçara, totalmente no artesanato e os pescadores dos "barcos" de pesca, as traineiras. A nova tecnologia nesta fase incorpora pouca mão-de-obra local. "O pequeno pescador da Ilha dispõe somente de aparelhamento rudimentar, produzido no local: não dispõe de meios para a conservação de "peixe fresco" e combina para garantir a própria existência e dos seus, mais de uma atividade, aliando comumente a pesca à pequena lavoura da sua "quadra". É este pescador que condicionado a um deslocamento pequeno para além de onde reside, mantém mais conservados os meios tradicionais de pesca, tem conhecimentos seguros sobre a vida dos peixes e condições ambientais mais restritas à sua zona e oferecem maior resistência à inovação, quer porque se tenha habituado a uma forma determinada de fazer as coisas quer porque não disponha de capital para inverter nos aparelhamentos que a técnica moderna apontou como a mais eficiente".(3)

Esse caiçara, na época analisada por Gioconda Mussolini, era sobretudo um pescador de tainha, espécie que aparece no tempo frio, de maio a julho na Costa Sul do Brasil. "Caíam, porém, os primeiros minuanos trazendo-nos os frios andinos (o que sucede em abril) e as tainhas retiram-se das numerosas lagoas do Sul brasileiro para como se diz em Santa Catarina "correr o curso". É o peixe de corrida da Ilha".(4) A autora descreve com muita precisão todas as fases da pesca da tainha, e sua influência sobre a organização social das praias, a perícia que se exige de cada pescador, a tecnologia aplicada e a divisão do produto final em quinhões, segundo a propriedade dos equipamentos de pesca. Já naquela época, mesmo de fartura deste peixe, havia problemas com a mão-de-obra. "O chamado da buzina (para chamar os companheiros de pesca) não raro é inútil. Quantas e quantas vezes ouvi o toque clamoroso, insistente, por horas a fio. O pescador "fortuito" que não faz da pesca o único meio de vida tem exigências especiais quanto às condições do tempo, oportunidade da hora, disposição individual. ... O que o

pescador não compreendia era que a ciranda é um dos divertimentos na Ilha, ao passo que a pesca, apenas um achego na vida daqueles que se dedicam muito mais à agricultura ou a um mil números de outros afazeres".(5)

Atualmente, como se verá na análise específica de pesca artesanal no Litoral Norte, a tainha não mais representa o papel que desempenhava há 30 anos atrás. Inúmeros fatores, entre os quais a pesca industrial praticada no Sul, na saída das lagoas, parece reduzir muito o número de tainhas que conseguem furar o cerco e "correr a costa". O escasseamento da tainha, espinha dorsal da pesca artesanal de então, alterou inúmeros padrões de conduta na própria vida do caiçara.

Durante os anos de 1920-1930, como já foi dito, começaram a aparecer em Ubatuba à semelhança do que ocorrera em Cananéia, barcos provenientes de Santos, para comprar peixes na região. Reativa-se a economia pesqueira, à medida em que os contatos com os centros metropolitanos regionais (agora o eixo São Paulo/Santos) se tornam mais freqüentes. Não se trata, no entanto, da penetração da economia capitalista numa região tradicional. Esta região, desde os tempos da economia mercantil (colonial) sempre participara da economia de mercado, com maior ou menor intensidade. De fato a desorganização da economia cafeeira motivou uma menor intensidade dessas relações, mas que todavia continuaram a existir. A prova disto está no surgimento das célebres "canoas de voga", enormes canoas feitas à mão e movidas a remo, que após o colapso da navegação (de exportação) interligavam Ubatuba a Paratí, S. Sebastião a Santos, levando pipas de aguardente, fumo e produtos regionais para a comercialização nas praças acima citadas.

Em Ubatuba, alguns anos depois, surgia uma nova fase para a pesca local: a fase da captura da sardinha, espécie muito abundante. Como dizia um velho pescador local: "até por volta de 1930 o mais que a gente pescava era a tainha, no tempo frio que a gente vendia para o "Audaz" ou escalava e vendia para os caipiras da serra acima de Paraitinga".

Apesar de o centro da pesca da "sardinha" ser a Ilha Bela, Ubatuba também dela participava. No entanto, a captura da sardinha já exigia equipamentos bem mais caros, para fora do alcance do caiçara local. Foi de fato uma pesca que incorporou, inicialmente, muito pouca mão-de-obra. Já escrevia Gioconda Mussolini, em 1945: "salvo alguns proprietários de barcos do Bairro do Sombrio (o único centro da Ilha Bela especializado em pesca) está fora de alcance do pequeno pescador local o dispor de capital para empatar num barco de Cr\$ 120,00 ou numa traineira (rede especial para apanhar sardinha) que custa a insignificância de Cr\$ 60,00".(6)

Na época analisada por Gioconda Mussolini, muito mais do que hoje, a pesca da sardinha através dos barcos e da traineira, superava as possibilidades de apreensão da organização social local. Essa pesca é realizada em grandes proporções por barcos vindos de Santos. Estes, além de pescar utilizando equipamentos mais modernos, compravam o pescado dos pescadores locais para revendê-los em Santos.

A pesca da sardinha, até poucos anos era feita por duas equipes especializadas, com funções distintas na captura: a tripulação do barco e a tripulação da rede (a traineira).

A tripulação do barco, geralmente proveniente de Santos constava de um mestre, primeiro maquinista, primeiro marinheiro, segundo marinheiro, moço de bordo, cozinheiro e de um sobressalente. Outra era a tripulação da rede, que geralmente era contratada "in loco" para captura da sardinha. Com a subida do "mestre da rede", a tripulação do barco fica funcionalmente subordinada à tripulação da rede. Acabada a pescaria, o "mestre da rede", vende a sardinha capturada ao mestre do barco pelo preço local, sendo o dinheiro então dividido entre os companheiros da rede. O mestre de barco, por sua vez, leva o peixe para Santos e vende na praça a preços mais altos. A diferença entre o preço local e o da praça de Santos é

o lucro da tripulação do barco que participa da nova partilha.

Atualmente, as duas equipes se fundiram numa só: a tripulação da traineira. No entanto permaneceram resquícios da divisão de trabalho: o mestre proeiro, que comanda a captura propriamente dita e o mestre do barco, responsável pela embarcação. Em grande parte das traineiras o mestre incorpora as duas funções recebendo então cinco ou seis partes na divisão do rendimento da pescaria (três de mestre de barco e três de mestre proeiro).

Dois outros fatores vieram modificar o panorama da pesca em Ubatuba: a criação do Entreposto e a difusão do cerco flutuante.

O Entreposto foi construído por volta de 1940, mas sua influência se fez sentir mais na pesca industrial devido à sua distância do centro urbano de Ubatuba, e de seu tipo de construção que permite apenas a atracação de embarcações maiores do tipo traineira.

A introdução do cerco flutuante, tipo de rede circular, exerceu grande influência sobre a pesca como um todo, especialmente a pesca artesanal. Foi introduzido por volta de 1920, em Ilha Bela, por pescadores japoneses residentes no local que já usavam esta armadilha em seu país de origem. Gioconda Mussolini descreve assim a armadilha de pesca que mais se adaptou às condições locais e que em 1942 foi levado para Ubatuba (Praia do Flamengo): "o cerco flutuante, "cerco de japonês" ou simplesmente "cerco", como é mais comumente designado hoje, consta essencialmente de duas partes: a casa (rodo) e a espia (caminho). A primeira, que é o reservatório assemelha-se a um grande coador de café, embora não afunilado e assenta-se no fundo, denunciando-se à superfície das águas apenas por uma elipse de gomos de taquaruçu... Quanto ao caminho, tem ele comprimento variável de acordo com a distância em que se acham do costão (15.20.30 braças). O cerco flutuante é ainda bastante comum no Litoral Norte, ainda que sua produtividade pareça ter diminuído, possivelmente pela sobre-pesca dos barcos da frota industrial, trawls e parelhas que varrem aquelas partes da costa. Só em Ubatuba existem hoje, aproximadamente, 25 cercos flutuantes.

Dois aspectos merecem considerações nessa modalidade de captura: a mão-de-obra utilizada e a incorporação dessa técnica pela população caiçara local. Em primeiro lugar, é uma rede cara, que exige mão-de-obra especializada para sua confecção. "Acresce ainda que o cerco não era possível de ser copiado sem explicações; a confecção do fundo, como o próprio Hamab (primeiro entalhador japonês de cerco no Brasil) afirmou exige explicações porque só de ver não se aprende e as explicações se lhe tornavam difíceis pelo desconhecimento da língua. Sebastião Barnabé tendo residido próximo a Hamab e se tornando seu auxiliar me disse: "Para aprender a fazer cerco não é qualquer um. A gente precisa ter leitura (?) e boa cabeça. Muita gente passou a vida toda vendo fazer cerco e nunca aprendeu"(7). Somente depois da saída dos japoneses do Litoral, com a Segunda Guerra, é que alguns auxiliares caiçaras se tornam "Mestres" na confecção do cerco.

Assim mesmo, é uma armadilha cara, e foge às possibilidades da grande maioria dos pescadores caiçaras. Normalmente ele é de propriedade de um intermediário de comercialização ou "atravessador" que domina a pesca da praia. Já por volta de 1950 havia a concentração dos cercos na mão de uns poucos ricos: e os mais favorecidos da fortuna eram possuidores de três, quatro ou mais aparelhos, todos localizados em regiões piscosas, não permitindo essa situação que os pescadores desprovidos de maiores recursos pecuniários tivessem uma oportunidade qualquer de usufruir proveitos desse sistema de pesca".(8)

O cerco flutuante utiliza mais ou menos 6 pessoas na despesca, que é feita 3 ou 4 vezes por dia. Esse tipo de rede fica aproximadamente oito dias na água, após o que é tirado para o conserto e depois lançado à água outra vez. Inicialmente os japoneses modificaram o sistema de remuneração reinante na pesca: o quinhão ou parte no produto, pagando os "visitadores" em dinheiro. Quando, no entanto, os cercos passavam a ser propriedade de alguns

caíçaras do local, foi reintroduzida a participação em quinhões ou partes.

Depois de 1945, segundo informações de velhos pescadores locais, começaram a surgir os primeiros motores de centro de 8 a 10 hp. A abertura de uma ligação melhor entre Caraguatatuba e Ubatuba, através de uma rodovia estadual (1948), constituiu-se num incentivo à pesca artesanal para o mercado, pois a venda aos barcos de Santos era muito inconstante. Até então, o caíçara pescava e quando não conseguia vender o pescado, salgava-o. Depois de 1952 começaram a surgir os "atravessadores" de maior porte, que compravam o pescado do caíçara e vinham revender em São Paulo. Por volta de 1954 foi construído o mercado de peixes em Ubatuba, mas os pescadores continuavam na dependência de um ou de outro "atravessador" que monopolizava o mercado, pagando preços irrisórios pelo pescado capturado pelo caíçara. O "atravessador" funcionava como em Cananéia, como financiador de equipamento de pesca ao pescador que endividado ficava, cada vez mais, dependente. A abertura da estrada para Ubatuba, incentivou uma nova atividade regional: o turismo. Frente a uma nova demanda, os diversos setores da pesca, principalmente em termos tecnológicos reagiram de modo diferente: o setor voltado para a captura da sardinha, que se constitui de barcos de mais de 18 m., não sofreu grandes alterações com a demanda maior de pescado, motivada pelo afluxo turístico responsável pelo alto grau de urbanização no Litoral Norte, pois a produção da sardinha visa ao mercado de S. Paulo e outros mercados regionais. A influência desse setor se deu mais na captação da mão-de-obra de algumas praias, o que será posteriormente estudado, e na instalação de algumas salgarias de sardinha prensada e salgada em Ubatuba. O setor artesanal se comportou diversamente em relação ao turismo. A fímbria inferior da camada caíçara que constituía o núcleo maior de pescadores artesanais, à medida em que as casas dos turistas invadiam suas praias, foi se incorporando a atividades ligadas ao turismo: construção civil, caseiros (especialmente) passando a pescar muito ocasionalmente.

O terceiro setor, formado especialmente por pescadores com canoas, baleeiras e pequenos barcos com motor desenvolve-se mais, e se dedica sobretudo à captura do camarão, cação e outras espécies. Este setor intermediário tem acusado um crescimento significativo após 1960, com a introdução dos motores "Stoll" e "Mold" e sobretudo, com a grande demanda turística nos quase 4 meses de férias existentes durante o ano. Atualmente existem mais de 75 canoas e baleeiras motorizadas, sendo que umas 36 delas descarregam no "Portinho" próximo à cidade. Além disso existem cerca de 6 barcos de mais de nove metros, no Saco da Ribeira que se dedicam quase que exclusivamente à pesca do cação.

Comparativamente, a região lagunar de Iguape, Cananéia e Ubatuba (Litoral Norte) tiveram uma evolução pesqueira que apresentam alguns pontos em comum: em ambos os casos a pesca foi uma alternativa ante a desorganização agrícola.

No Litoral Sul, em termos tecnológicos deve-se salientar a passagem da canoa a remo para a motorizada como uma evolução tecnológica progressiva. Até esse estágio houve uma absorção satisfatória da mão-de-obra extremamente artesanal para um nível tecnológico mais evoluído que permite maior deslocamento do pescador dentro de seu ambiente ecológico. A canoa a motor, no entanto, em muitos casos serve somente para facilitar o deslocamento físico do pescador, pois que tanto na pesca da manjuba, como na do Mar de Dentro, em Cananéia ela é principalmente meio de locomoção e transporte. A pesca é realizada em canoas a remo mais fáceis de serem manejadas. Com a chegada de barcos maiores, a incorporação da mão-de-obra tem sido quase nula, ao nível da captura.

Já em Ubatuba, a incorporação da mão-de-obra local a estágios mais elevados de tecnologia pesqueira não se deu com a introdução da pesca da sardinha. Nessa fase, somente alguns embarcaram, mas praticamente nenhum caíçara era dono do equipamento, dado o seu alto preço.

Um outro fenômeno que influenciou a dinâmica pesqueira no Litoral Norte foi o crescimento do turismo bastante fraco até hoje em Cananéia. Pode-se afirmar que durante quase meio ano existe um mercado turístico consumidor de pescado, sobretudo camarão, que dá um certo dinamismo à pesca artesanal motorizada. Além disso, estudar-se-á o conjunto de influências que as atividades urbano-turísticas exercem sobre a pesca artesanal no Litoral Norte em contraposição à pequena importância do setor no Litoral Sul, até agora.

Por fim, como foi possível perceber, a pesca nunca teve, em ambos os casos, um desenvolvimento linear e autônomo, pois sofreu continuamente as influências do mercado metropolitano. França analisa a intermitência do setor em Ilha Bela "O apogeu teve lugar entre 1925 e 1932 (segundo testemunho concorde de muitos informantes) quando costumavam frequentar as costas da Ilha 45 a 50 barcos de pesca (aproximadamente 80% matriculados então no Porto de Santos). O principal posto pesqueiro da Ilha, o Sombrio teria chegado a reunir 450 a 500 habitantes, dando abrigo na sua reentrância bem protegida dos ventos, de 20 a 25 barcos por noite. O próprio acúmulo de pescadores e de aparelhos de pesca, a irregularidade natural dos resultados desta, além do abandono das atividades básicas da subsistência teriam determinado curtas mais sérias crises. A seqüência de 4 anos difíceis, de 1932 a 1935, logo após a fase de maior animação, foi o primeiro golpe sério, reduzindo à condição de miséria vários proprietários de barcos. A 1935, referem-se inúmeros pescadores como tendo sido um ano de fome, que teria levado alguns a colheita florestal e grande número ao êxodo".(9)

O estabelecimento de algumas pequenas indústrias de pesca na região, o mercado turístico e o da Grande São Paulo, ao lado de algumas melhorias tecnológicas como a introdução do cerco flutuante, do motor de centro e o aparecimento de barcos pequenos e médios na captura do camarão e do cação (ao lado das traineiras) têm garantido alguma continuidade, ainda que precária, para as atividades pesqueiras em Ubatuba.

3. PRODUÇÃO

3.1. Evolução da Produção Pesqueira

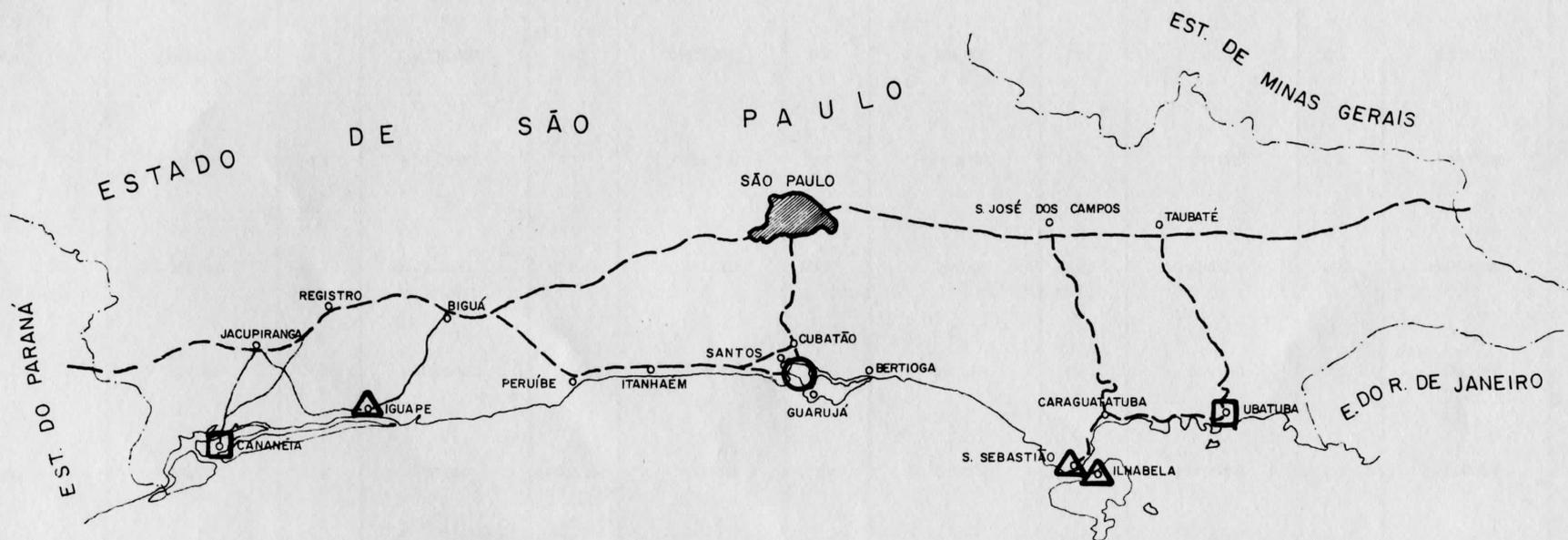
A pesca no Litoral do Estado de São Paulo, com incentivos fiscais concedidos ao setor com o Decreto Lei N.º 221, de 1967, tem demonstrado um certo incremento apesar da instabilidade que as fontes estatísticas revelam no que diz respeito à captura. É claro que a pesca, considerada já uma das indústrias de base, não pode ser medida em termos estaduais, dadas as características dessa atividade, que explora um bem comum, que é o mar e que implica na descarga do pescado em portos, por vezes distantes dos lugares de onde são provenientes as embarcações. Muitos barcos sediados em Santos descarregam o pescado no Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná, de acordo com o tipo de captura, disponibilidade de infra-estrutura (gelo, óleo, armazenamento) de cada cais.

Os entrepostos de descarga de pescado se distribuem pelo Litoral Paulista conforme mostra o mapa n.º 2, destacando-se Santos como terminal principal; Cananéia e Ubatuba como terminais secundários; Iguape, Ilha Bela e S. Sebastião como pontos de descarga.

Santos, que responde atualmente por quase 90% do pescado descarregado em postos de S. Paulo é administrado pela Cibrazem (Cia. Brasileira de Armazens), enquanto que o CEAGESP — Cia. de Armazens Gerais do Estado de S. Paulo, responde por Ubatuba, Cananéia e Iguape.

A participação de cada um deles no conjunto da captura do Estado, pode ser observada no Quadro n.º 1 e evidencia o papel destacado do Entreposto de Santos.

ESTRUTURAÇÃO DOS TERMINAIS PESQUEIROS E PONTOS DE DESEMBARQUE DO ESTADO DE SÃO PAULO.



CONVENÇÕES

- RODOVIA PAVIMENTADA
- RODOVIA NÃO PAVIMENTADA

LEGENDA

- TERMINAL PRINCIPAL
- TERMINAL SECUNDÁRIO
- △ PONTOS DE DESCARGA

QUANTIDADES DESEMBARCADAS NO LITORAL PAULISTA EM KG.

Entrepasto	1967		1968		1969		1970		1971		1972	
	Quantidade	%										
Ubatuba	2.616.000	4,3	4.226.000	7,60	3.803.285	6,3	4.164.000	6,6	4.795.000	8,5	5.402.000	9,9
S. Sebastião	2.725.000	4,5	4.045.000	7,2	2.314.439	3,8	1.552.000	2,5	1.364.000	2,4	1.462.000	2,7
Santos	54.082.000	89,2	45.731.000	81,9	53.271.000	88,3	55.328.000	88,6	48.485.000	86,6	45.797.000	84,7
Iguape	832.000	1,4	1.403.000	2,5	295.661	0,5	481.000	0,7	355.000	0,6	367.000	0,6
Cananéia	378.000	0,6	456.000	0,8	607.436	1,0	914.000	1,4	980.000	1,7	1.000.000	1,8
TOTAL	60.633.000	100	55.861.000	100	60.291.821	100	62.439.000	100	55.979.000	100	54.028.000	100

Nesse Entrepasto desembarcou uma média de 72.9%, da captura total entre 1967 e 1972 e mantendo mais ou menos estável sua participação no total do pescado desembarcado no Litoral Paulista. A grande participação do Entrepasto de Santos é uma indicação da disseminação da pesca técnica, que encontra aí as melhores condições de consolidar-se, graças à infra-estrutura disponível e à base empresarial de que passou a desfrutar nos últimos anos.

Ubatuba, com 7.2% e S. Sebastião com 3.8% da captura média nos 6 anos estudados, ocupam uma posição secundária no conjunto do Litoral Paulista. Enquanto Ubatuba mostra uma participação crescente, S. Sebastião sofre um recesso, passando a sua participação de 7.2% em 1968 para 2.4% em 1971, enquanto a quantidade de pescado aí desembarcada diminuiu em 61.6% no mesmo período.

Iguape e Cananéia participam em conjunto durante o primeiro triênio, com pouco mais de 1% do total. Cananéia, no entanto, tem demonstrado contínuo crescimento na captura após 1968.

O Quadro n.º 2 fornece a mesma informação agora, à base do valor da produção desembarcada em cada Entrepasto, e confirma o papel de relevo do entreposto santista.

Os valores de produção constantes desse Quadro, foram calculados à base dos preços médios anuais, registrados no Entrepasto Terminal de São Paulo.

Esses preços incluem, evidentemente, uma parcela dos custos de comercialização do produto, por exemplo, o custo do transporte até S. Paulo, da carga e descarga do pescado, etc. Por outro lado, o Entrepasto Terminal de São Paulo é o palco principal, no qual o balanço oferta-demanda, determina os preços a serem pagos aos produtores, segundo a origem, a qualidade e a quantidade do produto. A utilização de um preço uniforme para os diversos entrepostos, representa pois, uma deformação do cálculo do valor da produção ditado, entretanto, pela inexistência de registro dos preços pagos nos entrepostos locais.

Esse cálculo representa, pois, uma aproximação dos valores reais da produção de pescado nos entrepostos e deve ser encarado como um dado indicativo da importância da pesca no Litoral Paulista, sem, contudo, representar a renda efetiva gerada pela pesca.

É interessante se observar que Ubatuba, em 1970, apesar de ter uma produção mais de 4 vezes superior à de Cananéia, apresentou um valor menor ao obtido por este último entreposto. Isso se explica pelo baixo preço da sardinha e o alto preço do camarão.

3.2. Produção por Espécie em Ubatuba

O Quadro n.º 3 contém as quantidades desembarcadas em Ubatuba, entre 1968 e 1972.

A quantidade total capturada apresenta um declínio de 10.0% em 1969, porém, a partir daí, evolui favoravelmente. Em 1972 houve um aumento de 27.7% sobre a captura registrada em 1968.

A composição da captura revela uma predominância absoluta da sardinha que representa 93.9% da captura média anual durante o período. Em termos relativos, a participação da sardinha permanece praticamente estabilizada em torno dessa média, crescendo levemente nos últimos 3 anos. A quantidade capturada decresce no segundo ano da série, para a seguir, crescer em 30.8% até 1971. Verifica-se, pois, que a taxa de incremento da captura da sardinha supera aquela do total de pescado capturado em Ubatuba, o que determina sua crescente participação relativa no conjunto da captura.

A importância relativa da sardinha, na composição da captura não revela todavia a potencialidade da região. Grande parte da sardinha desembarcada em Santos, impossível

QUADRO 2

VALOR DA PRODUÇÃO PESQUEIRA DO LITORAL PAULISTA EM CR\$ - 1969

Entrepasto	1968		1969		1970	
	Cr\$	%	Cr\$	%	Cr\$	%
Ubatuba	1.289.975	2.66	1.487.087	2.34	1.288.391	2.13
S. Sebastião	2.218.096	4.57	2.086.768	3.29	1.536.072	2.60
Santos	42.960.000	88.58	58.682.000	92.51	55.486.000	92.32
Iguape	1.412.160	2.91	308.126	0.49	429.669	0.70
Cananéia	619.396	1.28	866.214	1.37	1.361.097	2.25
TOTAL	48.499.627	100.00	63.430.195	100.00	60.101.229	100.00

FONTE: Instituto de Pesca Marítima de Santos e Entrepastos Locais

Cálculo : SUDELPA

QUANTIDADES DESEMBARCADAS POR ESPÉCIES EM KG.

UBATUBA

Pescado	1968		1969		1970		1971		1972	
	Quantidade	%								
Sardinha	3.971.636	93,98	3.501.270	92,05	3.919.940	94,15	4.519.610	95,50	5.094.100	94,3
Camarão 7 Barbas	7.130	0,16	4.111	0,10	385	0,01	2.505	0,05	4.000	0,07
Camarão Rosa	737	0,01	7.781	0,20	19.038	0,46	1.039	0,02	47	—
Savelha	1.200	0,02	6.300	0,16	68.580	1,65	23.200	0,44	104.050	1,93
Bonito	15.650	0,37	23.380	0,64	20.050	0,45	21.270	0,45	12.875	0,23
Cavalinha	960	0,02	9.800	0,25	44.500	1,07	49.510	1,02	90.540	1,67
Enchova	1.710	0,04	820	0,02	14.880	0,36	3.350	0,07	1.550	0,02
Goete	29.500	0,69	11.350	0,29	18.515	0,44	13.540	0,28	50	—
Mistura	27.746	0,65	54.415	1,42	21.563	0,52	16.905	0,35	—	—
Tainha	15.450	0,36	9.210	0,24	2.950	0,07	—	—	—	—
Pescada	6.790	0,16	11.975	0,35	3.075	0,07	3.065	0,06	—	—
Carapau	99.260	2,34	47.610	1,23	3.600	0,09	24.680	0,53	21.090	0,39
Espada	—	—	19.040	0,55	4.530	0,11	9.180	0,19	8.256	0,15
Outros	48.169	1,20	96.223	2,55	22.013	0,52	47.301	1,02	56.612	1,04
TOTAL	4.225.938	100,0	3.803.785	100,0	4.163.619	100,0	4.795.155	100,0	5.397.989	100,0

1974

de ser quantificada, procede do Litoral Norte e os barcos que a capturam, descarregam aí por não encontrarem em Ubatuba e S. Sebastião uma infra-estrutura adequada à sua operação.

Sendo a sardinha uma espécie destinada preferencialmente à industrialização, sua captura procede-se com o emprego de recursos da moderna tecnologia pesqueira, o que permite caracterizar a pesca em Ubatuba como uma atividade técnico-industrial. Os pescadores artesanais são responsáveis pela pesca de linha, de espinhel, de cerco e utilizam pequenas redes, destinando sua produção para o auto-consumo ou para a venda nas cidades.

Uma pesquisa realizada em 1972, mostrou a sazonalidade das principais espécies capturadas na região. Assim, no tempo quente sobressai o bonito, cação, o carapau, a cavala, o xarelete, a corvina, a enchova, o galo, a garoupa, a pescada, o xareu, enquanto que no tempo frio são capturadas as seguintes espécies: a tainha, o pampo, a sororoca, o parati. A sardinha e a espada são capturadas tanto no inverno quanto no verão, ainda que a primeira espécie se afaste mais da costa no tempo frio.

No Quadro n.º 4 estão, em ordem de importância, as 6 espécies mais importantes capturadas nos últimos 5 anos. Além da sardinha, que no período sempre representou mais de 90.0% do total da captura sobressaem o carapau, o goete, o bonito, a pescada, o espada, a savelha, o cação. O bonito apresentou um aumento anual de captura desde 1968, vindo a decair em 1972. O cação, por outro lado, de pequena importância até 1971, veio a destacar-se em 1972, alcançando o 4.º lugar. A cavalinha apresentou um aumento de 84.2% entre 1971 e 1972. A maioria das espécies constitui-se de peixes pelágicos (bonito, cavalinha, carapau).

3.3. Valor da Produção

O valor da produção pesqueira na sub-região Litoral Norte, foi estimado à base dos preços relacionados anteriormente e das quantidades de pescado desembarcadas em Ubatuba e São Sebastião. Essa estimativa agrega portanto, aos erros devido às precárias estatísticas da produção, bem como aqueles já citados, derivados da utilização dos preços registrados no Entrepósito Terminal de São Paulo. A utilização desses preços deve-se exclusivamente à impossibilidade de se determinar os preços realmente pagos aos pescadores, nos locais de desembarque. Sendo assim, o valor da produção estimado, deve ser encarado como um indicador precário da importância do setor, na formação da renda global do setor primário da sub-região.

O Quadro n.º 5 refere-se ao valor da produção pesqueira de Ubatuba, que apresenta no período estudado, um comportamento relativamente estável, decrescendo em 1970 e recuperando-se a seguir. A variação total no período, foi um incremento do valor, da ordem de 18.5%.

Verifica-se aqui a mesma predominância da sardinha, já registrada no quadro das quantidades capturadas: entre 1968 e 1971, ela apresentou em média, 79.8% do valor total da produção, apesar de concentrar 93.0% da captura, no mesmo período. Assim se expressa o preço relativamente menor que a espécie alcança no mercado.

O valor da produção dessa espécie sofre uma queda nos 3 primeiros anos, porém, essa tendência se inverte em 1971, transformando-se em um incremento de 23.8% entre os extremos da série considerada.

4. INFRA-ESTRUTURA PESQUEIRA

O Porto Pesqueiro de Ubatuba dispõe, atualmente, de uma ponte "pier" de concreto armado com infra-estrutura de tubulões. Apesar de suas dimensões consideráveis, a fai-

AS SEIS ESPÉCIES MAIS CAPTURADAS EM UBATUBA

Ano	1968		1969			1970			1971			1972		
Espécie	Volume Prod.	%	Espécie	Volume Prod.	%	Espécie	Volume Prod.	%	Espécie	Volume Prod.	%	Espécie	Volume Prod.	%
Sardinha	3471636	93.98	Sardinha	3501270	92.05	Sardinha	3919440	94.15	Sardinha	4519610	95.50	Sardinha	5094100	94.3
Carapau	99260	2.34	Mistura	54515	1.43	Savelha	68580	1.65	Cavalinha	49510	1.03	Savelha	104050	1.93
Goete	29500	0.69	Carapau	47610	1.25	Cavalinha	44500	1.07	Carapau	24680	0.51	Cavalinha	90540	1.63
Mistura	27740	0.65	Bonito	23380	0.61	Mistura	21563	0.52	Savelha	23200	0.48	Cação	36535	0.67
Bonito	15650	0.37	Espada	19040	0.50	Bonito	20050	0.48	Bonito	21270	0.44	Carapau	21090	0.39
Tainha	15450	0.36	Pescada	11975	0.35	Camarão Rosa	19038	0.40	Mistura	16905	0.35	Bonito	12875	0.23

O quadro 4 mostra a posição das 6 espécies principais nos últimos anos, destacando-se o carapau, o bonito, a savelha, a cavalinha, a pescada, o goete.

QUADRO 5

UBATUBA – VALOR REAL DA PRODUÇÃO EM CR\$ – 1969

Pescado	1968		1969		1970		1971	
	Cr\$	%	Cr\$	%	Cr\$	%	Cr\$	%
Sardinha	1.072.342	83.12	1.120.406	75.35	979.985	76.06	1.328.086	86.86
Camarão Sete Barbas	6.773	0.53	4.974	0.34	508	0.03	2.956	0.19
Camarão Rosa	5.667	0.44	61.081	4.10	158.967	12.34	9.704	0.63
Savelha	432	0.03	1.260	0.08	19.888	1.54	7.656	0.50
Bonito	9.233	0.72	13.327	0.90	9.624	0.75	11.060	0.72
Cavalinha	342	0.03	6.468	0.43	16.910	1.31	19.309	1.26
Enchova	1.402	0.10	812	0.05	16.219	1.26	3.082	0.20
Goete	20.060	1.56	9.420	0.64	13.886	1.07	11.644	0.76
Mistura	10.266	0.79	25.031	1.69	9.056	0.70	6.931	0.45
Tainha	23.484	1.83	14.460	0.98	4.159	0.32	—	—
Pescada	8.148	0.64	18.561	1.24	4.920	0.38	4.506	0.29
Carapau	73.452	5.69	53.799	3.62	4.536	0.35	30.110	1.96
Espada	—	—	29.512	1.98	7.248	0.57	13.495	0.88
Outros	58.284	4.52	127.976	8.60	42.485	3.32	80.412	5.30
TOTAL	1.289.975	100	1.487.087	100	1.288.391	100	1.528.951	100

xa útil para a atracação restringe-se aos 20 metros frontais, correspondentes à cabeça da ponte. A deficiência em questão se deve à falta de cortinas de proteção nos trechos laterais. A descarga do pescado é feita por meio de pequenos cestos de vime, em operação inteiramente manual. Daí o pescado é transportado para caixas de madeira e levado aos caminhões que estacionam na extremidade do pier. A operação de descarga, além do mais é seriamente prejudicada pela altura excessiva do pier. Nestas condições o pescado capturado por uma traineira leva, normalmente, cerca de 12 horas para ser desembarcada. Nas épocas de safra da sardinha, verifica-se intenso congestionamento, com parte considerável da frota evadindo-se rumo a Santos. Próximo ao mercado de peixes há um local de desembarque do pescado proveniente da pesca artesanal e semi-artesanal. As condições de higiene aí são péssimas especialmente porque o rio, em cuja foz está o Portinho, recebe esgoto da cidade. Nesse local, os "atravessadores" ou intermediários possuem 3 pequenas camaras frigoríficas que servem para armazenar o pescado e guardar gelo.

No entreposto há uma fábrica de gelo com capacidade nominal de produção de 10 ton/dia. A fabricação obedece a técnica convencional do tanque de salmoura. Devido ao péssimo estado de conservação do equipamento, ocorrem freqüentes paralizações. Normalmente a produção real não chega a 4.5 toneladas de gelo.

Em Ubatuba existe ainda uma fábrica de gelo de 30 ton/dia, pertencente a particulares. Mesmo assim a oferta de gelo é bastante inferior à demanda.

Ubatuba conta atualmente com duas câmaras frigoríficas, cuja área total é inferior a 30 m². Seu estado de conservação é muito precário e uma delas inclusive não funciona mais.

O Porto Pesqueiro não possui instalações apropriadas para o abastecimento de óleo diesel aos barcos. Os suprimentos de combustível, então, são feitos em outro ponto da enseada, a preços elevados.

Além do ítem acima, Ubatuba não dispõe de nenhuma das outras instalações essenciais ou complementares de um terminal pesqueiro.

A inexistência de uma infra-estrutura adequada é responsável, em parte, pela desorganização e precariedade em que se encontra a pesca em Ubatuba.

5. PREÇOS DO PESCADO

A presente análise visa lançar algumas hipóteses a respeito do comportamento dos preços dos pescados mais freqüentes em Ubatuba. Foram utilizados dados de preços de atacado no CEAGESP, para onde se destina parte do pescado do Litoral Norte. Muito embora, não seja todo o pescado do Estado que é comercializado no CEAGESP, este detém uma parcela razoável do mercado. Além do mais, não é possível se conseguir dados mais completos, principalmente em relação ao preço em outras fontes. Foram escolhidas nove espécies: sardinha, camarão sete barbas, camarão legítimo, goete, bonito, carapau, cavala, cavalinha e cação. Tal escolha liga-se ao fato de que essas espécies são as mais pescadas em Ubatuba (Quadro n.º 6).

5.1. Quantidade Comercializada

De uma maneira geral, entre 1968 e 1972, à exceção da sardinha, a maioria das espécies sofreram decréscimo de comercialização no CEAGESP, especialmente o camarão legítimo e sete barbas. Algumas espécies mostraram flutuação no período. A única espécie com acréscimo constante foi o bonito.

Existem vários fatores que podem explicar essas variações das quantidades comercializadas. A explicação mais convincente seria a do caráter sazonal que esta atividade pos-

QUADRO 6

QUANTIDADE ANUAL DESCARREGADA NO CEAGESP – S.P.

Espécie	1968		1969		1970		1971		1972	
	Quantid.	IE								
Sardinha	17.981.802	100	16.827.301	94	19.940.774	111	21.920.474	122	22.056.923	123
Camarão 7 barbas	1.146.504	100	1.122.049	98	748.830	65	894.519	78	766.483	67
Camarão Legítimo	22.880	100	2.564	11	68.202	298	82.141	359	1.596	7
Goete	517.797	100	822.757	159	1.368.474	264	970.332	187	709.996	137
Bonito	110.766	100	120.637	109	134.123	121	227.748	205	263.284	238
Carapau	152.533	100	71.122	47	33.180	22	68.486	45	59.507	39
Cavala	12.359	100	6.187	50	21.604	175	14.832	120	11.600	94
Cavalinha	740.301	100	939.139	127	1.195.738	162	832.252	112	891.514	120
Cação	1.039.663	100	797.818	77	752.567	72	921.224	89	1.339.224	129

IE = Índice de Evolução

FONTE: CEAGESP

sui. Outras variáveis menos significativas também teriam sua influência:

- hábitos do consumidor (sabe-se que, tradicionalmente o brasileiro é consumidor de carne bovina verde e qualquer alteração em seus hábitos de consumo é demorada);
- preço dos bens substitutos (no caso, a própria carne bovina)
- alterações no poder aquisitivo do consumidor, etc.

Contudo o que interessa de imediato é verificar a influência do preço sobre essas variações de quantidades.

5.2. Os Preços

Os preços apresentaram um comportamento mais uniforme no período. De acordo com o Quadro 7, verifica-se que os preços apresentam uma alta no período de 1968/69. No período seguinte (1969/70), das 9 espécies, 7 tiveram seus preços diminuídos. Posteriormente os preços se recuperaram para 5 espécies, logo em 1971 e para as demais em 1972. Cavalinha e Carapau são exceções pois no período de baixa, elas tiveram seus preços aumentados e em 1972 apresentaram preços a níveis mais altos que em 1970.

Em termos gerais, houve uma queda nos preços no período 1969/70 que pode ter sido causada por questões econômicas mais amplas, e tem havido em 1971/72 uma recuperação lenta.

5.3. O Comportamento da Comercialização frente aos Preços

Como se observou nos itens anteriores, a demanda de pescado é uma função de vários fatores e não somente do preço. Pressupõe-se porém que esta variável seja a mais importante na determinação da quantidade demandada.

Segundo pesquisa realizada em 1971 pelo Dr. Joaquim Ribeiro de Moraes, procurando as causas do baixo consumo de pescado na capital paulista, chegou-se ao seguinte resultado:

Produto caro	52%
Má qualidade	38%
Não gosta	19%
Faz mal	11%
Não é encontrado	8%
Desconhece o preparo	3%
Medo de espinhas	1%
Difícil Limpeza	1%

Dessa forma, generalizando o resultado desta pesquisa, a demanda dependeria na sua maior parte do preço do pescado, em segundo lugar viriam os hábitos de consumo e em último lugar a eficiência ou não da comercialização do produto.

Os gráficos anexos procuram constatar a veracidade da influência do preço, percebendo-se uma relação preço/quantidade. As elevações de preços correspondem baixas nas quantidades consumidas. Os gráficos 1 a 4 mostram essa tendência (Carapau, cavala, camarão sete barbas, camarão legítimo), não sendo entretanto válida para todas as espécies. Os gráficos 5 a 8 apresentam, pelo menos durante um período, um viés (Goete, sardinha, bonito, cação). Nestes casos, a variação em um período determinado, foi ocasionada por outras causas que não o preço. Já o gráfico 9 mostra uma tendência completamente adversa (cavalinha). Preços e quan-

QUADRO 7

PREÇO MÉDIO DEFLACIONADO

Espécie \ Ano	1968	1969	1970	1971	1972
Sardinha	0.26	0.26	0.21	0.24	0.27
Camarão 7 barbas	0.79	1.00	1.08	0.97	1.10
Camarão Legítimo	5.04	5.77	4.46	4.08	7.06
Goete	0.57	0.69	0.62	0.71	0.77
Bonito	0.49	0.47	0.39	0.43	0.41
Carapau	0.62	0.93	1.03	1.01	0.97
Cavala	1.26	1.76	1.16	1.69	1.73
Cavalinha	0.38	0.55	0.31	0.32	0.29
Cação	1.23	1.39	1.23	1.19	1.32

QUADRO 8

ANOS	SARDINHA					CAMARÃO 7 BARBAS					CAMARÃO LEGÍTIMO			
	QUANTIDADE KG.		PREÇO CR\$ /Kg.		$\frac{\Delta Q}{\Delta P}$	QUANTIDADE KG.		PREÇO CR\$ /KG.		$\frac{\Delta Q}{\Delta P}$	QUANTIDADE KG.		PREÇO CR\$ /Kg.	
	Kilogramas	Var. %	Real	Var. %		Kilogramas	Var. %	Real	Var. %		Kilogramas	Var. %	Real	Var. %
1968	17.981.802	0	0.26	0	0	1.146.504	0	0.69	0	0	22.880	0	5.04	0
1969	16.827.301	-6.4	0.26	0	-∞	1.122.049	-21	1.00	+26.6	-0.07	2.564	-88.8	5.77	+14.5
1970	19.940.774	+18.5	0.21	-19.2	-0.96	748.830	-33.3	1.08	+8.0	-4.2	6.802	+2560	4.46	-22.7
1971	21.920.474	+9.9	0.24	+14.3	+0.69	894.519	+19.5	0.97	10.2	-1.9	82.141	+20.4	4.08	-8.5
1972	22.056.923	+0.6	0.27	+12.5	+0.04	766.483	-14.3	1.10	+13.4	-1.1	1.596	-98.1	7.06	+73.0

VARIAÇÕES NA QUANTIDADE PRODUZIDA E NO PREÇO

$\frac{\Delta Q}{\Delta P}$	GOETE					BONITO					C /	
	QUANTIDADE KG.		PREÇO Cr\$ / Kg.		$\frac{\Delta Q}{\Delta P}$	QUANTIDADE KG.		PREÇO Cr\$ / kg.		$\frac{\Delta Q}{\Delta P}$	QUANTIDADE KG.	
	Kilogramas	Var. %	Real	Var. %		Kilogramas	Var. %	Real	Var. %		Kilogramas	Var.
0	517.797	0	0.57	0	0	110.766	0	0.49	0	0	152.533	0
-6.1	822.757	+58.9	0.69	+21.1	+2.79	120.637	+8.9	0.47	-4.1	-2.17	71.122	-53
-112.77	1.368.474	+66.3	0.62	-10.2	-6.5	134.123	+11.2	0.39	-17.0	-0.65	33.180	-53
-2.4	970.332	-29.1	0.71	-14.5	-2.00	227.748	+69.8	0.43	+10.3	+6.77	68.486	+106
-1.84	709.996	-26.8	0.77	+8.5	-3.15	263.284	-15.6	0.41	-4.7	-3.31	59.507	-13.

DO PESCADO

ARAPAU			CAVALA						CAVALINHA				
PREÇO Cr\$/kg.		$\frac{\Delta Q}{\Delta P}$	QUANTIDADE KG.		PREÇO Cr\$/kg.		$\frac{\Delta Q}{\Delta P}$	QUANTIDADE KG.		PREÇO Cr\$/kg.		$\frac{\Delta Q}{\Delta P}$	
%	Real	Var. %		Kilogramas	Var. %	Real	Var. %		Kilogramas	Var. %	Real	Var. %	
	0.62	0	0	12.359	0	1.26	0	0	740.301	0	0.38	0	0
4	0.93	+50.0	-1.06	6.187	-49.9	1.76	+39.7	-1.25	939.139	+26.9	0.55	+44.7	+0.60
4	1.03	+10.8	-4.94	21.604	+249.2	1.16	-34.1	-7.30	1.195.738	+27.3	0.31	-43.6	-0.62
3.4	1.01	-2.0	-53.2	14.832	-31.4	1.69	+45.7	-0.68	832.252	-30.4	0.32	+3.2	-9.5
1	0.97	-4.0	+3.27	11.600	-21.8	1.73	±2.4	-9.08	891.514	+7.1	0.29	-7.4	-0.75

CAÇÃO					OSTRA				
QUANTIDADE KG.		PREÇO Cr\$/kg.		$\frac{\Delta Q}{\Delta P}$	QUANTIDADE KG.		PREÇO Cr\$/kg.		$\frac{\Delta Q}{\Delta P}$
Kilogramas	Var. %	Real	Var. %		Kilogramas	Var. %	Real	Var. %	
1.039.663	0	1.23	0	0	44.829	0	1.04	0	0
797.818	-23.3	1.39	+13.0	-1.79	32.195	-28.2	0.70	-32.7	+0.86
752.567	-5.7	1.23	-11.5	+0.49	13.623	-57.7	0.30	-52.4	+1.10
721.224	+22.4	1.19	-3.3	-6.78	15.589	+14.4	0.40	-33.3	-0.43
1.339.224	+45.4	1.32	+10.9	+4.16	20.279	+30.1	0.41	+2.5	+12.04

tidades variaram no mesmo sentido.

O Quadro 8 mostra de forma matemática essas variações. As colunas $\Delta Q/\Delta P$ apresentam as elasticidades das espécies. A maioria delas são negativas significando que o sentido das variações dos preços é inverso ao das quantidades.

Tal análise mostra-se coerente do lado da demanda, contudo o mesmo não se pode dizer da oferta.

As quantidades ofertadas não se mostram sensíveis, via de regra, às alterações de preço.

Como se explicaria então as variações das quantidades produzidas? Supõe-se que outras causas influenciariam estas variações. Pode-se aventar que a estrutura de captura do pescado é parcialmente artesanal, o que faria com que alguns produtores não se enquadrassem perfeitamente a uma estrutura de mercado. Outra explicação estaria nos fatores ecológicos que permitiriam uma maior ou menor captura de pescado. Até mesmo a estrutura precária de comercialização do pescado poderia ser uma das causas.

5.4. O papel de Ubatuba

Considerando que a presente análise visa um estudo de mercado para Ubatuba, tem-se que reconhecer a sua ineficiência. De acordo com o Quadro 9, verifica-se que a participação do pescado vindo de Ubatuba no total entrado no Entrepósito do CEAGESP é insignificante.

Não foi possível levantar preços em Ubatuba, com exceção das seguintes espécies: cavala, cação, carapau e camarão sete barbas (tudo isto apenas em 1972).

Cavala	Cr\$ 1,21 o quilo
Cação	Cr\$ 0,97 o quilo
Carapau	Cr\$ 0,97 o quilo
Camarão 7 Barbas	Cr\$ 1.20 o quilo

(preços médios deflacionados 1968 = 100)

Apenas o camarão sete barbas apresenta um preço superior ao do CEAGESP, fazendo crer, pois, que deve haver uma comercialização considerável no local. Carapau mostra um preço equilibrado e cavala e cação apresentam um preço bem inferior ao do CEAGESP. Em relação ao cação, contando-se com o dado da participação de Ubatuba no CEAGESP (15,4% em 1972), um intermediário se apropria de uma parte considerável do lucro, pois os preços apresentam uma variação grande.

QUADRO N.º 9

PORCENTAGEM DE QUANTIDADE DE PESCADO DE UBATUBA EM RELAÇÃO AO CEAGESP

Espécie	Ano				
	1968	1969	1970	1971	1972
Sardinha	9.30%	4.58%	2.32%	3.85%	2.93%
Camarão Sete Barbas	11.30%	8.57%	5.75%	3.20%	10.08%
Camarão legítimo	8.44%	70.59%	1.96%	3.36%	65.53%
Cação	9.85%	13.57%	11.95%	15.77%	15.43%

QUANTIDADE DE PESCADO DE UBATUBA COMERCIALIZADA NO CEAGESP

Tipos		Anos				
		1968	1969	1970	1971	1972
Sardinha		1.120.785	771.354	463.950	845.428	647.270
Moluscos	Camarão Rosa	1.498	5.308	14.126	1.514	2.286
	e Camarão Médio	1.335	1.810	1.339	2.760	1.046
Crustáceos	Camarão 7 Barbas	86.816	96.173	43.089	28.638	77.333
	Diversos	2.836	5.279	3.817	563	5.635
Pescada diversa		28.457	39.810	11.639	10.046	3.475
Cações diversos		68.596	26.249	90.004	145.290	206.723
Peixes	Água Doce	—	50	150	—	463
	Diversos	109.883	335.553	235.133	261.946	227.532
TOTAL		2.120.522	1.363.643	863.247	1.298.203	1.171.553
Porcentagem sobre produção total de Ubatuba		50.2%	35.8%	20.7%	27.0%	21.6%

1968 : As parcelas se referem a 8 meses; o total ao ano inteiro.

6. COMERCIALIZAÇÃO

O processo de comercialização do pescado é bastante complexo em Ubatuba, dependendo do tipo de pescado que é descarregado. A sardinha e os demais pescados acompanhantes são descarregados no entreposto do CEAGESP, aliás bastante precário. A maior parte da sardinha capturada das proximidades da cidade até a Ilha Grande não é descarregada em Ubatuba, em grande parte devido à precariedade das instalações portuárias, falta de gelo, óleo, etc.

Da sardinha desembarcada uma parte é levada por caminhão a São Paulo (CEAGESP), enquanto que o restante se destina às "salgas" locais, onde é prensada, enlatada ou defumada.

Os demais pescados, especialmente o camarão legítimo e sete barbas, o bonito, o carapau (de uma maneira geral o peixe fino) são desembarcados no Portinho, ancoradouro precário próximo ao Mercado local. Parte desse pescado se destina a abastecer o mercado local, especialmente nos períodos de férias em que a população urbana aumenta consideravelmente (torna-se até 10 vezes maior), e parte é levada para o CEAGESP pelos "atravessadores". O abastecimento urbano insuficiente na temporada, é feito basicamente pelos pescadores artesanais, que vendem sua produção aos atravessadores. Durante a temporada, há falta generalizada de pescado em Ubatuba e os preços alcançam níveis extremamente altos. O camarão sete barbas, por exemplo, que no CEAGESP em 1972 alcançou um preço médio de Cr\$ 1,10 chegou a ser vendido a Cr\$ 15,00 o quilo. Por esse motivo, muitos "atravessadores" vão buscar o pescado no CEAGESP para revendê-lo em Ubatuba. Esses intermediários financiam a rede, as canoas e demais apetrechos de pesca, em troca de um compromisso do pescador de vender-lhe a produção. Os atravessadores, que dominam a pesca local, conservam para si, como taxas de serviços até 50% do valor da produção.

A análise do Quadro 10 demonstra que desde 1968 há uma diminuição relativa do pescado de Ubatuba entregue e comercializado no CEAGESP; de 50.2% em 1968 somente 21.6% em 1972 são transportados para S. Paulo. Pode-se lançar a hipótese de que as indústrias e o consumo local tem aumentado de 1968 para cá.

A análise dos dados da pesquisa esclareceu alguns itens relativos ao sistema de comercialização local.

QUADRO 11

DESTINO DA PRODUÇÃO -- UBATUBA

Categoria de Pescadores	Consumo Próprio	%	Venda	%
1. Industriais	—	—	40	100,0
2. Artesanais	17	33.3	34	66.7
2.1. Dono dos aparelhos de pesca	11	31.4	24	68.6
2.2. Camaradas	6	37.5	10	62.5

Pelo Quadro 11 percebe-se uma nítida distinção entre os pescadores industriais, que destinam a totalidade de sua produção para a venda e os artesanais dos quais 66.7% vendem regularmente o produto de sua captura. Os restantes, 33.3% — são constituídos pelos "pescadores lavradores", ou "pescadores biscateiros" que buscam na atividade pesqueira uma complementação de renda ou um meio de subsistência. O número maior de pescadores que pescam só para o consumo se localiza em praias como Perequê-Açú, 71%, Lázaro, 60%; Fortaleza, 60%; núcleos aliás em que a pesca se acha decadente por existirem aí somente pescadores artesanais^{Ubatuba} motorizados.

Quanto a procedência dos compradores, 72.5% dos artesanais afirmaram que vendem o pescado para comerciantes do próprio local, enquanto que os demais vendem para compradores de fora.

Cerca de 21% afirmam ter compromisso de venda com atravessadores e os demais negociam mais livremente.

Em Ubatuba percebe-se que ainda subsistem laços de dependência entre os pescadores artesanais e os atravessadores e donos de cerco. Entretanto, segundo informações locais, até aproximadamente 1968, havia dois grandes atravessadores em Ubatuba que dominavam toda a atividade pesqueira. Atualmente, com a vinda de novos atravessadores, a concorrência aumentou mais, e o grau de liberdade de vender para um ou outro atravessador tornou-se maior.

Mesmo assim, o pescador, especialmente o artesanal, desconhecendo os mecanismos do mercado, fica à mercê do atravessador que retira cerca da metade do valor do pescado, para cobrir o transporte e sua taxa de lucros.

Já na pesca da sardinha, os donos de barco preferem entregar o pescado na praça do Rio de Janeiro, onde os preços são melhores e a taxa de comercialização não ultrapassa os 10% do valor do produto.

7. PESCADORES

7.1. Número de Pescadores

Dada a carência de dados oficiais, e os obstáculos inerentes a qualquer tipo de cadastramento de pescadores disseminados por dezenas de praias, na maioria das vezes distantes dos centros urbanos, é muito difícil precisar o número de pessoas que se dedicam à atividade pesqueira em Ubatuba. Para suprir essa dificuldade foi realizado um cadastramento preliminar dos pescadores, executado através de professores e líderes locais. Para esse fim foi considerado pescador todo indivíduo que retire do mar seu sustento principal de renda e venda parte ou a totalidade de sua produção. O pescador foi considerado artesanal quando na captura e desembarque de toda a classe de espécies aquáticas trabalha sozinho e/ou utiliza mão-de-obra familiar ou não assalariada, explorando ambientes ecológicos limitados através de técnicas de reduzido rendimento relativo e que destina sua produção, total ou parcial, ao mercado. Segundo a classificação utilizada o pescador artesanal pode ser dono dos aparelhos de pesca ou camarada (quando trabalha com apetrechos de pesca que não são de sua propriedade e ganha por partes). O pescador "industrial" é aquele que, na captura e desembarque de toda a classe de espécies aquáticas, trabalha como assalariado (disfarçado ou não), explorando ambientes ecológicos mais amplos através de técnicas de produtividade mais elevada, destinando toda sua produção

para o mercado.

QUADRO 12

PESCADORES DE UBATUBA

Pescadores	Número Absoluto	%
1. Artesanais	280	62.1
1.1. Motorizados	75	—
1.2. Não Motorizados	205	—
2. Semi-industriais	61	13.4
3. Industriais	111	24.5
4. Pesc. Ocasionais	100	—
TOTAL	552	—

Em Ubatuba, apesar da importância crescente das atividades turísticas, a pesca é ainda uma atividade responsável pela renda de mais de 20% da população local. Este cálculo é ainda conservador uma vez que não leva em consideração indivíduos que trabalham em atividades intimamente ligadas à pesca, como a fabricação de gelo, transporte de pescado, conserto de embarcações. Se houvesse o acréscimo desse pessoal, Ubatuba apresentaria pelo menos 35% de sua população ligada ou dependente diretamente da pesca.

Em relação aos tipos de pescadores, os artesanais formam o agrupamento mais numeroso com uma média de 60% sobre o total. Estão espalhados por mais de 30 praias em todo o município de Ubatuba, em algumas próximas à cidade como do Lázaro, Enseada, Perequê, etc., e outras muito distantes para as quais o único acesso é o barco, como é o caso de Camburi e Picinguaba.

A pesca semi-industrial é a realizada por "baleeiras", barcos de até 9m., de propriedade do próprio pescador que paga em partes aos embarcados, geralmente parentes. A porcentagem dos pescadores semi-industriais é relativamente pequena (13.4%) mas é responsável pela maior parte do camarão 7 barbas e legítimo desembarcado na cidade.

A pesca industrial, dedicada especialmente à captura da sardinha já adquiriu bom desenvolvimento local, utilizando mais de 24.5% dos pescadores locais.

7.2. Distribuição dos Pescadores por Praias

O Quadro 13 realizado a partir do cadastramento de pescadores (1971/72) permite uma visão global dos pescadores distribuídos em 27 núcleos de pesca ao longo do litoral ubatubano. Na área sul, que vai desde a divisa com Caraguatatuba até a praia das Toninhas, existem 16 núcleos ou praias onde existem 213 pescadores. De todos os núcleos somente o Saco da Ribeira apresenta uma pesca mais organizada, com aproximadamente 43 pescadores, sendo 7 deles (16%) possuidores de embarcações motorizadas. As boas condições de atracação aliadas à existência de uma pequena colônia japonesa dedicada à pesca são os fatores responsáveis pela estruturação das atividades pesqueiras nesse núcleo. As demais praias desse primeiro trecho, de uma maneira geral, já foram tomadas pelas casas de turistas e a pesca tornou-se uma atividade suplemen-

tar e de segunda importância, pois os pescadores artesanais trabalham no ramo de serviços (caiseiros, pedreiros, etc.).

Já na cidade de Ubatuba existem cerca de 62 pescadores, 16% dos quais são possuidores de canoas e baleiras motorizadas. De uma maneira geral, localizam-se no Portinho que congrega a maioria dos pescadores artesanais e semi-artesanais locais.

O terceiro setor começa em Perequê-Açú e se estende até Camburi, no limite com Parati e abrange 7 núcleos com 195 pescadores. É nessa área que se situa o núcleo de Picinguaba, sem dúvida o que congrega o maior número de pescadores do município de Ubatuba (80). A pouca comunicação com o centro urbano, que é feita unicamente através do mar, a inexistência de outras atividades econômicas, com exceção da agricultura e a maior tradição de pesca fazem de Picinguaba o maior núcleo pesqueiro do município em termos de pessoal ocupado.

Uma pesquisa por amostragem, (formulário em anexo), realizada em 1972, permite delinear algumas características que podem traçar o perfil do pescador do Litoral Norte do Estado de São Paulo.

QUADRO 13

CADASTRO DE PESCADORES EM UBATUBA - 1971/1972

Vila de Pescadores	N.º de Pescadores	TECNOLOGIA E RENDA							Renda média mensal-Cr\$
		Pescador c/ motor	%	Pescador s/ motor	%	Cercos Flutuante.	Redes		
							Sim	Não	
I. DA TABATINGA ATÉ A CIDADE									
1. Tabatinga	19	8	42.0	11	58.0	0	19	0	(*)
2. Saco das Bananas	19	0	0.0	19	100.0	0	6	13	(*)
3. Sete Fontes	1	0	0.0	1	100.0	0	1	0	(*)
4. Perez	4	1	25.0	3	75.0	0	4	0	(*)
5. Ponta Aguda	10	3	30.0	7	70.0	2	6	4	(*)
6. Maranduba-Lagoinha	17	1	6.0	16	94.0	1	13	4	150,00
7. Bonete	10	0	0.0	10	100.0	2	1	9	(*)
8. Flamengo	17	3	18.0	14	77.0	2	2	15	350,00
9. Lázaro	8	4	50.0	4	50.0	0	4	4	291,00
10. Perequê-Mirim	6	3	50.0	3	50.0	—	4	2	(*)
11. Fortaleza	18	4	—	14	—	1	15	3	350,00
12. Saco da Ribeira	43	7	16.0	36	70.0	7	18	25	407,50
13. Toninhas	6	0	0.0	6	100.0	—	4	2	(*)
14. Enseada	7	2	9.0	5	71.0	2	4	3	158,00
15. Simões	5	1	25.0	4	75.0	—	2	3	(*)
16. Caçandoca	23	0	0.0	23	96.0	1	2	21	(*)
SUB-TOTAL	213	37		176		18	105	108	
II. CIDADE									
1. Itagua	14	4	29.0	10	64.0	2	9	5	(*)
2. Cidade	24	2	8.0	22	92.0	—	11	13	(*)
3. Umarama	12	2	17.0	10	75.0	—	3	9	392,85
4. Perequê-Açú	12	2	17.0	10	67.0	—	7	5	216,50
SUB-TOTAL	62	10		52		2	30	32	
III. CIDADE-CAMBURI									
1. Felix	13	6	46.0	7	54.0	—	2	11	(*)
2. Léo	9	1	11.0	8	56.0	—	2	7	(*)
3. Ubatumirim	21	9	43.0	12	52.0	—	11	10	132,50
4. Almada	32	5	16.0	27	81.0	—	11	2	389,00
5. Fazenda da Caixa	10	0	0.0	10	90.0	—	1	9	(*)
6. Picinguaba	80	7	9.0	73	88.0	3	20	60	396,34
7. Camburí	30	0	0.0	30	100.0	2	10	20	135,90
SUB-TOTAL	195	28		167		5	57	138	
TOTAL	470	77		395		25	192	278	

OBSERVAÇÕES: (*) Praias que não fazem parte da amostragem.

8. MEIO NATURAL E TECNOLOGIA

Na região estudada, como se observou, especialmente nas duas últimas décadas tem havido melhorias tecnológicas. Essas melhorias, como a introdução da rede de nylon, do cerco flutuante, canoas e baleeiras motorizadas e barcos têm sido função do desenvolvimento de um sistema de preços mais atrativos para o pescado e foram introduzidas por pescadores de outras regiões em que a atividade pesqueira tendo atingido nível tecnológico mais alto não apresentava elevada produtividade.

O Quadro 14 apresenta os tipos de embarcações existentes em Iguape, Cananéia e Ubatuba, em 1971. Por essas informações é possível notar que existe uma participação bastante significativa da pesca artesanal, representada pelas canoas a remo, canoas motorizadas e baleeiras, alcançando mais de 85% do total das embarcações do município estudado.

8.1. A Pesca Industrial em Ubatuba

Apesar da pesca industrial ser efetuada por somente 3.1% das embarcações é ela responsável por mais de 90% da produção obtida. Os barcos, em geral maiores de 18m., se dedicam à pesca da sardinha enquanto que outros, de mais de 9-10m. estão empenhados na pesca do cação, tendo por base o Saco da Ribeira.

Quanto aos sardinheiros, foram considerados barcos fixos aqueles que descarregam no entreposto constantemente durante pelo menos 3 meses. Esses representaram 20% das embarcações em 1967; 15.4% em 1969 e 21.2% em 1970. Esses barcos pertencem a empresas locais possuidoras de indústrias de pesca. A produtividade por barco tem aumentado consideravelmente pois de 1967 a 1970 houve um aumento de 241.8% para os barcos fixos. No entanto, o mesmo não ocorre com o valor obtido que no mesmo período aumentou somente 5.9%. Os demais barcos, que representam 78.8% em 1970 são considerados ocasionais, descarregando no entreposto de modo descontínuo.

O Quadro 15 mostra uma evolução positiva na entrega dos barcos fixos que passam de uma média de 13.553 kg. em 1967 para 37.945 kg. em 1969 e 46.331 kg. em 1970. No entanto, a esse aumento de produção média não correspondeu um aumento no valor obtido, que em 1970 foi inferior ao de 1969. Esses dados, por outro lado, não representam a produção média por barco, pois foi obtido a partir das descargas em Ubatuba, enquanto que o maior número de descargas se fez em Santos e no Rio de Janeiro.

Quanto às características da frota, os barcos que normalmente descarregam sardinha em Ubatuba são considerados médios e grandes pela classificação do Instituto de Pesca e trabalham 21 dias por mês (tempo do escuro).

É mais significativo ver a produção média dos 3 barcos mais fixos em Ubatuba (Guaiuba I, II e Amapá).

A produção média mensal desses 3 barcos que pescaram o ano inteiro em 1967, 69 e 70 mostram que houve um aumento anual: 36.166 kg. por mês no 1.º ano, 57.434 por mês no 2.º ano, e 80.467 no último ano. Quanto à renda obtida, pode-se perceber contínuas alterações dada a instabilidade e a queda progressiva do preço real da sardinha (0.27 em 68, Cr\$ 0,32 em 69, e 0,25 em 1970). Em 1969 a renda média mensal, obtida pela descarga da sardinha em Ubatuba, foi de Cr\$ 18.378,00 por barco. Em 1970, com a produção quase duplicada, a renda média mensal por barco, foi de apenas 20.126,00. Comparativamente portanto, apesar de pescarem mais, os sardinheiros receberam menos pelo seu produto.

QUADRO 14

CANOAS, CANOAS MOTORIZADAS, BALEEIRAS E BARCOS - 1971

Locais	Embarcações	Canoas a Remo		Canoas Motorizadas e Baleeiras		Barcos	
		Nº	%	Nº	%	Nº	%
Ubatuba	339	250	73.7	75	22.1	14	4.1
Iguape	603	487	80.7	112	18.5	4	0.8
Cananéia	280	200	71.4	54	19.2	26	9.2
TOTAL	1.222	937	76.6	241	19.7	44	3.6

QUADRO 15

CAPTURA DA PESCA INDUSTRIAL – UBATUBA

Meses de entrega por Ano	1 9 6 7				1 9 6 9				1 9 7 0			
	Nº. de barcos	%	Prod. Média p/ Barco Mês – Kg.	Valor méd./ barco/mês em Cr\$	Nº. de barcos	%	Prod. Média p/ Barco Mês – Kg.	Valor Médio p/barco/mês em Cr\$	Nº. de barcos	%	Prod. Média p/ Barco Mês – Kg.	Valor Médio p/barco/mês em Cr\$
1 a 3 meses	40	80,0	6.615	—	44	84.6	7.162	—	37	78.7	8.309	—
4 ou mais meses	10	20,0	13.553	7.454,00	8	15.4	37.945	16.958,00	10	21.2	46.331	14.362,00

Preços deflacionados: CEAGESP

1967. Cr\$ 0,55

1969. Cr\$ 0,44

1970. Cr\$0,31

8.2. Pesca Semi-Industrial

Em Ubatuba, além da pesca industrial existe a semi-industrial e a artesanal motorizada, que se centraliza no Portinho, próximo do mercado e no Saco da Ribeira. No Portinho existem 8 baleeiras, 18 botes (baleeiras com coberta) e 10 canoas motorizadas. Essa pequena frota se dedica à pesca do camarão 7 barbas, à pesca de linha (espinhel), sendo que aproximadamente 8 barcos se dedicam à pesca do cação abastecendo o mercado local nas temporadas, e vendendo o excedente ao CEAGESP. De uma maneira geral, os barcos são de propriedade individual mas existem também uns poucos "armadores" que possuem 2 ou 3 botes.

O estudo de um dos barcos da pesca semi-industrial em 1971 (barcos de 8 a 11 m., motor 15-30 HP, 4 ton. de armazenamento a bordo e com uma tripulação de 3 pessoas) mostram que a produção média mensal desses barcos está por volta de 3.350 kg com uma receita líquida de Cr\$ 3.200 por mês. Como se constata, há uma semelhança grande entre as receitas médias líquidas desse tipo de embarcação semi-industrial em Cananéia (Cr\$ 3.250,00) e Ubatuba (Cr\$ 3.200,00). (Ver Quadro de produtividade em anexo).

8.3. Pesca Artesanal

Como já foi constatado, a pesca artesanal é a que ocupa o maior número de pescadores do município. Essa pesca é realizada por pescadores que utilizam canoas a remo (73.2%) e canoas motorizadas (26.8%).

Ainda segundo a pesquisa realizada os equipamentos mais comuns existentes nas vilas são o tresmalho, as redes de arrasto de praia, o espinhel, a rede para camarão e o cerco flutuante.

Quanto aos equipamentos de pesca 14.2% dos pescadores donos de aparelhos, declararam possuir arrasto de praia, 74.2% pescavam com pequenos tresmalhos, redes para camarões e espinhéis (geralmente para cações) e 20.0% eram possuidores de cercos flutuantes. Normalmente os instrumentos de pesca são velhos, exigindo constantes consertos após a pescaria.

Dentre as técnicas já mencionadas na captura artesanal existe uma que merece especial atenção: o cerco flutuante.

No Litoral Norte, ao contrário do Sul, o cerco é flutuante, de dimensões e custos muito maiores. Enquanto o cerco fixo não alcança Cr\$ 1.000,00, o flutuante é bem mais caro (feito de nylon) atingindo Cr\$ 16.000,00 (com 120 braças de volta). A produtividade desta armadilha é bem mais elevada que a do fixo, capturando espada, bonito, cavala, soroca, xareu, etc. Em 1971, um dos cercos médios instalados na Ilha Anchieta capturou uma média mensal de 4.050 kg., num valor de Cr\$ 2.000,00 mensais. É efetivamente um aparelho de alta produtividade se se comparar com um barco médio, de frota semi-industrial que capturou, por volta de 3.350 kg. mensais, num valor de Cr\$ 3.200,00, em 1971. Existem no município cerca de 25 desses cercos flutuantes.

8.4. Tecnologia e produção

Além das análises já elaboradas a respeito da produtividade da pesca em seus setores artesanais, semi-industriais, a título de complementação, algumas informações adicionais tornarão possíveis de compreender outros aspectos da tecnologia e produtividade dos pescadores de Ubatuba.

8.4.1. Produção média por mês

O Quadro 16 mostra comparativamente a produção dos pescadores artesanais nos municípios de Ubatuba e Cananéia, segundo a amostra coletada pelas pesquisas.

QUADRO 16

PRODUÇÃO MÉDIA DOS PESCADORES POR MÊS

Pescadores	Produção em kg. por mês em 1971							
	0/99	%	100/199	%	200/499	%	+ 500	%
Ubatuba	26	59.0	3	6.8	7	15.9	8	18.1
Cananéia	142	64.2	50	22.6	23	10.4	6	2.7

OBS.:— Ubatuba (15.7 não souberam responder às questões)

Em Ubatuba, como se pode observar pela tabela acima, mais de 50% dos pescadores pesca por mês em média menos de 100 kg., o que significa que de fato a produtividade deles é bastante baixa. Dentre os pescadores artesanais, ainda 59.0% dos donos de aparelhos de pesca pescam menos de 100 kg. por mês ao passo que dentre os camaradas (parceiros) essa porcentagem se eleva a 62.6%. Por outro lado, enquanto 17.1% dos donos de aparelhos de pesca tem uma produção superior a 500 kg. mensais, somente 18.1% dos camaradas atingem tal produção.

8.4.2. Frequência de Dias de Pesca

QUADRO 17

FREQUÊNCIA DE DIAS DE PESCA

Categoria de Pescadores	Dias por Mês de pesca — Ubatuba							
	1/10	%	11/20	%	20/30	%	S.R.	%
Pescadores:								
1. Industriais					40	100,0		
1. 1. Tripulantes					35	100,0		
1. 2. Mestres					5	100,0		
2. Artesanais	19	37.1	14	27.5	16	31.4	2	4.0
2. 1. Donos dos Aparelhos de Pesca	11	31.4	11	31.4	11	31.4	2	5.7
2. 2. Camaradas	8	50.0	3	18.7	5	31.2	—	—

O Quadro 17 permite visualizar a frequência com que os pescadores vão à pesca em Ubatuba, revelando a intensidade pesqueira na região.

Enquanto 100% dos pescadores industriais passam mais de 20 dias por mês em pescarias, somente 31,4% dos artesanais o fazem. Entre esses últimos, são evidentemente os

motorizados que passam mais tempo em pescaria por mês.

Dentre os artesanais mais de 50% pescam somente até 10 dias, revelando a dificuldade já constatada por outras pesquisas em se encontrar camaradas ou companheiros para a pescaria.

De fato, como já se afirmou anteriormente, a pesca artesanal sofreu um grande esvaziamento em Ubatuba e é um estrato marginal num setor da atividade econômica igualmente marginal.

Uma informação relativa à freqüência da atividade pesqueira é a opinião dos pescadores sobre o estoque marítimo. No caso de Ubatuba, a experiência dos pescadores sobre o aumento ou diminuição do estoque é bastante significativa.

QUADRO 18

OPINIÃO SOBRE O ESTOQUE MARINHO EM UBATUBA

Categoria	Estável	%	Aumentan.	%	Diminuin.	%	Não Sabe	%
Pescadores:	41	45.0	10	11.0	34	37.4	6	6.6
1. Industriais	26	65.0	6	15.0	5	12.5	3	7.5
1. 1. Embarcados	22	62.8	6	17.1	4	11.4	3	8.5
1. 2. Mestre de Barco	4	80.0	—	—	1	20.0	—	—
2. Artesanais	15	29.5	4	7.8	29	56.8	3	5.9
2. 1. Donos de aparelhos de pesca	9	25.7	2	5.7	22	62.9	2	5.7
2. 2. Camaradas	6	37.5	2	12.5	7	43.7	1	6.2

Enquanto 65.0% dos pescadores industriais afirmam que nos últimos anos de pesca não têm percebido diminuição do estoque, entre os pescadores artesanais 56.8 afirmam que o peixe tem escasseado nas proximidades da praia e costumam atribuir a causa ao arrasto sistemático das "parelhas" que varrem a área diariamente.

8.5. Noções de Valor

A noção de racionalidade é considerada muito importante e pode ser uma das variáveis utilizadas para medir o funcionamento de uma economia de mercado.

O comportamento racional, que no caso estudado é uma adequação da ação dirigida à produção do lucro se distribuiu irregularmente entre os indivíduos segundo sua menor ou maior participação na economia do mercado. A análise dos custos de produção pode ser um indicador do nível de racionalidade da produção artesanal.

CUSTOS DE PRODUÇÃO

Gastos com canoas e motor	%
Soube informar	71.5
Não Soube informar	19.0
Não Respondeu	9.5

O custo da manutenção da canoa e do motor é avaliado por 71.5% dos entrevistados, ao passo que aproximadamente 20% dos pescadores não tinha idéia de quanto gastavam por ano no conserto da embarcação, do motor, etc. É desnecessário se dizer que à medida em que os pescadores se motorizam, o que sem dúvida é um indício de maior profissionalização, os custos eram mais conhecidos.

De uma maneira geral, os pescadores artesanais não motorizados não têm noção do valor trabalho, que não é computado entre os custos de produção.

Entre os pescadores artesanais, donos de aparelho de pesca, 30.0% ignoravam o tempo de uso de suas embarcações a remo. Entre os que sabiam, mais de 61.0 tinham suas embarcações com mais de 5 anos de uso.

Já no estrato dos donos de canoas motorizadas somente 16% ignoravam o tempo de uso de suas embarcações e 70% tinham embarcações há mais de 5 anos.

Mais de 90% dos pescadores motorizados conheciam o valor de suas embarcações, que, em 1972 valiam entre Cr\$ 1.000,00 e 3.000,00, de acordo com a potência do motor e a conservação da canoa.

Por outro lado, a racionalidade implica também no selecionamento de espécies que tem mais valor no mercado. À medida em que o pescador se profissionaliza, ele vai procurar pescar os peixes que tem melhor valor no mercado, desligando-se assim da mera subsistência em que qualquer peixe servia.

Nas praias do Litoral Norte, de uma maneira geral, existe também a seleção dos pescados segundo o seu maior valor de mercado, sobressaindo a pescada, a enchova, a garoupa, a cavala e o robalo.

8.6. Renda

A análise da renda auferida pelos pescadores dá o sentido da precariedade das condições de vida em que vivem.

DISTRIBUIÇÃO DE RENDAS NA PESCA – UBATUBA

Pescadores	Cr\$ 100,00 %	Cr\$ 100/ 200,00 %	Cr\$ 200/ 300,00 %	+ 300 %	S.R. %
UBATUBA					
Pescadores	13.2	30.8	18.7	29.7	7.7
1. Industriais	2.8	42.8	25.7	28.6	—
1.1. Tripulantes	2.8	42.8	25.7	28.5	—
1.2. Mestre	—	—	—	100.0	13.7
2. Artesanais	21.5	25.5	15.7	23.5	13.7
2.1. Donos dos aparelhos de pesca	17.1	20.0	17.1	31.4	14.3
2.2. Camaradas	31.2	37.5	12.5	6.3	12.5

Em Ubatuba cerca de 50% dos pescadores percebem menos que o salário mínimo do Estado, vivendo portanto em condições econômico-sociais bastante precárias. É claro que uma parte deles recebe outros rendimentos provenientes de atividades paralelas, mas mesmo assim manifesta-se uma situação social muito difícil, pois somente 29.7% percebem além de Cr\$ 300,00. Entre os pescadores, os embarcados e mestres desfrutam uma situação um pouco melhor, pois enquanto somente 2.8% destes declararam receber menos de Cr\$ 100,00 por mês, entre os artesanais esta produção se eleva a 21.5%. A situação se torna ainda pior no caso dos artesanais camaradas, entre os quais 31.2% deles declararam perceber menos de Cr\$ 100,00 por mês. Entre os artesanais, 31.4% dos donos dos aparelhos de pesca percebem mais de Cr\$ 300,00 mensais em média, incluindo-se principalmente os que possuem baleeiras, canoas motorizadas ou donos de cercos flutuantes.

9. RELAÇÕES DE TRABALHO

QUADRO 21

RELAÇÕES DE TRABALHO – UBATUBA

Categorias de Pescadores	N.º	%
Pescadores	91	100.0
1. Industriais	40	100.0 (43.9)
1.1. Tripulantes	35	87.50
1.2. Mestres	5	12.50
2. Artesanais	51	100.0 (56.1)
2.1. Donos dos aparelhos de pesca	35	68.63
2.2. Camaradas	16	31.37

Em Ubatuba, através da amostra, existem 43.9% de pescadores industriais contra 56.1% de artesanais. Dentre os primeiros, 87.5% são tripulantes, isto é, marinheiros, motoristas, cozinheiros, geladores e 12.5% são mestres.

Já entre os pescadores artesanais 68.63% são donos dos aparelhos de pesca e 31.37% são camaradas.

Percebe-se portanto uma maior porcentagem de pescadores artesanais, ainda que eles sejam em Ubatuba, responsáveis por uma pequena parcela do pescado capturado, dada a grande produção de sardinha da pesca industrial. Por outro lado, quase todo o pescado fino, incluindo o camarão, é capturado pelos pescadores artesanais. Entre estes pescadores, 28.5% trabalham sozinhos, não utilizam a rede e sim "linha". Em termos de renda, esses pescadores são os mais pobres, geralmente.

O sistema de divisão do produto é bastante variado e depende sobretudo do tipo de pesca. Em Ubatuba, na pesca industrial, uma vez descontados os gastos de gelo, óleo, rancho, etc. . . 50% da produção fica para o barco (metade das partes), enquanto que o mestre (se for também proeiro) recebe 6 partes, o motorista 2 partes, o cozinheiro 1/2 ou 2 partes, o gelador 1/2 e os tripulantes uma parte cada um.

No caso da pesca semi-industrial, o sistema de partilhas se faz em 12 partes, sendo 6 para a embarcação e 6 para a tripulação de 3 homens (depois de descontados os gastos da embarcação).

O sistema de partilha da pesca artesanal é muito variado e depende do tipo de captura. Na pesca artesanal, não motorizada, em que participam 3 pescadores, o produto é dividido em 4 quinhões: 1/4 para a rede e os 3/4 divididos entre os participantes.

A motorização das canoas baleeiras veio, até certo ponto, romper esse esquema tradicional de pescaria. Agora o equipamento mais importante deixa de ser a rede para ser o motor. No caso da canoa motorizada, de uma maneira geral, o dono do motor é o dono também da rede. Nesse caso a divisão do produto se assemelha a da pesca industrial: descontado o custo do gelo, combustível, metade do pescado fica para a "canoa", enquanto que a outra metade é dividida entre os dois ou três participantes.

Essa nova divisão reflete também maior racionalidade que se introduz na pesca artesanal, com a contabilização dos custos. Nessa altura, ao contrário do que se observa na pesca artesanal simples, o pescador já necessita de uma contabilidade de custos e o princípio do lucro começa a se implantar.

Um fenômeno importante a ser analisado é o relacionamento social existente no processo da "partilha" ou distribuição do produto da pesca.

Entre os pescadores artesanais, o conflito parece existir somente na hora da partilha, quando o dono da rede deixa de repartir todos os peixes e se apossa de um que, segundo o costume, deveria ser dividido pela metade. Segundo um informante, quando algum dono de rede não trabalha certo, retendo algum peixe, "o pessoal fica chateado mas não reclama, aguenta o desafôro, com receio de ser expulso do grupo de pescaria". Nesse caso, o camarada não se sente espoliado em termos econômicos, mas a crítica é feita em termos morais: é um desafôro.

No caso da pesca semi-industrial, quando o mestre do barco trabalha com os parentes, este problema não existe, pois aí o embarcado não se sente um assalariado e sim um parceiro.

À medida em que a pesca se industrializa e as relações de trabalho se apro

ximam do assalariamento os conflitos são mais marcados, ainda que em nenhum momento ele se aproxime de um conflito "fabril".

O embarcado tenta fazer seus cálculos quanto à parte que lhe caberá no fim do mês. O que acontece geralmente é que não dispendo de informações em custos de óleo, gelo e I.N.P.S., etc., o tripulante recebe bem menos do que esperava, ficando muitas vezes "depenurado". Nesse caso, o seu protesto é abandonar o barco "deficitário" e ir buscar outro. As informações coletadas informam que os embarcados mudam frequentemente de barcos, mais de uma vez por ano. Em Picinguaba, por exemplo, 80% dos embarcados tinham trabalhado em mais de 9 barcos, sugerindo grande mobilidade da população, que sempre procura as embarcações onde as partes sejam maiores. Dentro deste conflito, é importante o papel desempenhado pelo "mestre". Muitos embarcados consideram a maioria dos mestres vendidos aos "armadores" e por isso diminuem o valor da parte do tripulante para ficar mais para ele e para o dono do barco.

Apesar disso existe, em Ubatuba, um sistema de lealdade entre a tripulação e o mestre, que escolhe os homens com quem vai trabalhar. Em muitos casos um conflito com o armador que leve à demissão do mestre significa a demissão conjunta da tripulação ou parte dela que veio para o barco com o mestre. Este sistema de lealdade se fundamenta na maioria das vezes, no local de procedência do mestre e da tripulação, pois no "claro" ele leva o barco para a praia onde mora a tripulação.

Essa relação entre mestre e tripulação parece ser mais conflituosa quando as partes provêm de praias ou lugares diferentes. No entanto esse aspecto merecia também uma pesquisa mais aprofundada.

Ainda no que diz respeito às relações e à divisão de trabalho, a pesca industrial em Ubatuba, merece algumas considerações mais aprofundadas.

Entre os embarcados 51.5% trabalham nos barcos a menos de 10 anos, e mais de 30% entre 1 e 4 anos indicando que o setor ainda recebe contingentes apreciáveis de indivíduos, os quais, como se viu, em sua grande maioria são provenientes da zona rural. Em relação às opiniões sobre o trabalho de embarcado, 71.3% responderam que o acham bom, 17.1% regular e 2.8% ruim, sugerindo que comparativamente ao trabalho agrícola, a pesca embarcada, apesar da rudeza da atividade é a preferida. Percebe-se aliás, que apesar de acharem bom o trabalho, a propriedade de um barco é sempre desejada pois 85.7% deles responderam que se fosse possível gostariam de trabalhar por conta própria.

Os embarcados, aliás, afirmam que a pesca da sardinha é dura "pior mesmo é só a roça que não dá mais nada". No inverno, com o frio, as noites no mar se tornam difíceis, o que ocasiona o desemprego temporário de alguns que preferem voltar às praias, trabalhando nos cercos, ou em algumas atividades pouco lucrativas. Essas idas e vindas, revelam, por outro lado, que o grau de profissionalização não é muito elevado entre esses pescadores.

A existência, até a década de 1940 dos corajosos remadores e mestres das canoas de voga sugeria que o grau de profissionalização dos pescadores em Ubatuba, fosse maior, pois aqueles marinheiros tem até hoje uma fama legendária. Os velhos pescadores se lembram de um mestre de voga que numa noite de tormenta pegou um vento sul sinistro em São Sebastião e quando todos o julgavam morto, arribou em Picinguaba na madrugada seguinte. De fato, nada melhor que um mestre de voga para ser responsável pela traineira pois conhecia o mar na palma da mão.

Apesar disso, pelas informações que foi possível coletar, nenhum deles se

tornou mestre de barco de pesca. Estes foram ensinados pelos de Santos e Rio de Janeiro.

Os mestres representam um papel muito importante na pesca de Ubatuba e os que tem prática são sempre solicitados pelas empresas pois, em última análise, a responsabilidade do barco depende deles. Em termos sociais eles gozam de grande prestígio local, seja por que podem escolher a tripulação seja pela renda mais elevada de que desfrutam, manifestada por símbolos como uma boa casa de alvenaria, fogão a gás, etc.

A totalidade dos mestres pesquisados tinham aprendido a profissão na prática e uma parte considerável deles só tinha licença da capitania, e não a carta de mestre.

10. CARACTERÍSTICAS GERAIS DA POPULAÇÃO DE PESCADORES

10.1 Estrutura Etária

QUADRO 22

ESTRUTURA ETÁRIA DOS PESCADORES – UBATUBA

Categorias	Taxas de Idade										
	10/ 19	%	20/ 29	%	30/ 39	%	40/ 49	%	+ 50	%	To- tal
Pescadores	7	7.8	22	24.1	17	18.7	19	20.9	26	28.5	91
Pescadores Industriais	5	12.5	14	35.0	10	25.0	9	25.5	2	5.0	40
Pescadores Artesanais	2	3.9	8	15.7	7	13.7	10	19.7	24	47.0	51

A análise das idades é significativa na medida em que é possível comparar os pescadores industriais com os artesanais. Em Ubatuba, enquanto que somente 30.5% dos pescadores industriais tem mais que 40 anos, essa porcentagem se eleva a mais de 66.5% entre os artesanais. Isso revela que há pouca incorporação de indivíduos jovens a esse tipo de pesca, pois se entre os pescadores industriais há mais de 47.5% entre 10/30 anos de idade, a proporção decresce visivelmente entre os artesanais que só contam com 19.6% nessa faixa. A estrutura etária revela portanto, que enquanto os indivíduos jovens ingressam na pesca embarcada, o mesmo não ocorre entre os artesanais. Aliás, uma rápida análise na composição etária dos núcleos, mostra que em Picinguaba, existe 32% dos pescadores com mais de 40 anos, enquanto que em Maranduba, onde predomina a pesca artesanal, 100% dos pescadores tem mais de 50 anos. No Lázaro (outro núcleo artesanal penetrado pelo turismo) a proporção de pescadores com mais de 50 anos se eleva também a 66%.

10.2. A Mobilidade Geográfica

QUADRO 23

LOCAL DE NASCIMENTO DOS PESCADORES – UBATUBA

Categorias de Pescadores	Local de Nascimento					
	Do Local	%	De outras Praias	%	De fora	%
Total de pescadores	72	79.1	13	14.2	6	6.6
1. Pescadores Industriais	29	72.5	8	20.0	3	7.5
2. Pescadores Artesanais	43	84.5	5	9.8	3	5.9

Em Ubatuba, a maioria dos pescadores nasceu na praia em que atualmente mora (79.1%), revelando que existe uma pequena mobilidade geográfica. Essa porcentagem é menor entre os industriais (72.5%) indicando que estes possuem uma maior mobilidade, pois 27.5% são provenientes de outras localidades.

Cruzando-se essa informação com o tempo de moradia no local, observa-se que a maioria dos pescadores habitava a praia por mais de 20 anos (76.8%). Como era de se esperar, uma porcentagem maior de pescador industriais (22.5) tinham mudado para a praia entre 1/10 anos, enquanto que só 5.8% dos artesanais o fizeram no período considerado.

10.3. Estrutura Ocupacional

QUADRO 24

OCUPAÇÃO DOS PESCADORES – UBATUBA

Categoria dos Pescadores	Pesca		Lavoura		Outras	
		%		%		%
Total de Pescadores :	80	87.8	6	6.6	5	5.5
1. Pescadores Industriais	40	100.0	0	0.0	0	0.0
2. Pescadores Artesanais	40	78.4	6	11.8	5	9.8

A análise das ocupações indicam que enquanto 100% dos pescadores industriais afirmam que sua ocupação principal é a pesca, essa proporção cai para 78.4% entre os artesanais, que tem também outras atividades. Entre os pescadores artesanais, portanto, 22% afirmam que tem outras ocupações, especialmente a lavoura e serviços. Em termos de núcleo, naqueles que como Picinguaba, a pesca é uma atividade fundamental, 100% dos pescadores (tanto artesanais, como industriais) afirmaram encontrar na pesca sua ocupação principal, enquanto que naqueles núcleos em que a agricultura é praticada ou onde as construções de casa para tu-

rista são uma realidade, parte dos pescadores artesanais exercem outras atividades. Verificou-se em Ubatuba, que para parte dos pescadores artesanais, especialmente os não motorizados, a pesca não é atividade suficiente para lhes garantir um mínimo vital, tendo que recorrer à complementação da renda em outros trabalhos.

À questão se tinham outras ocupações além da pesca, no entanto, 27.5% dos pescadores industriais responderam afirmativamente. Essa proporção é explicada quando se percebe que mesmo entre os pescadores industriais muitos deles saíram a pouco da lavoura e mantém com ela muitos vínculos. Assim em Camburí, por exemplo, é comum o pescador embarcar 6 meses nas traineiras e depois ficar 2 ou 3 meses em casa, especialmente no inverno "em que o trabalho é muito duro". Passada esta fase, o pescador deixa os trabalhos da roça ou outras atividades e volta a empregar-se na pesca industrial. Já entre os pescadores artesanais, os que afirmaram ter outras ocupações se elevam a 57%. Evidentemente, outra vez os que são mais inconstantes nas atividades pesqueiras são os artesanais não motorizados.

É interessante se observar que, dos 27.5% de pescadores industriais que paralelamente se dedicam a outras atividades, a maioria (86.7%) trabalha na roça enquanto que entre os artesanais nessa categoria, somente 59.4% cultivam o solo, ao passo que 13.5% são também pequenos comerciantes. Atesta-se assim, uma maior ligação dos pescadores industriais com a roça, donde grande parte deles saiu (85.8) antes de embarcar. Esses dados são importantes, porque atualmente se verifica uma passagem direta do lavrador à condição de pescador industrial quando em períodos anteriores os lavradores se dirigiam ao artesanato. Pode-se deduzir daí que o artesanato pesqueiro na presente situação não é muito atraente como atividade econômica sofrendo contínuo esvaziamento.

No que diz respeito a outras atividades, deve-se observar que em Ubatuba, 24.4% dos pescadores afirmaram trabalhar no artesanato, confeccionando artigos de palha, madeira ou redes, mas desses, só 30% o faziam para vender. Evidentemente a porcentagem maior dos que faziam o artesanato estava entre os pescadores artesanais, 32%. Mesmo nesse caso, a quase totalidade dos objetos produzidos era para o uso caseiro ou profissional (rede) - 85%.

QUADRO 25

TEMPO DE TRABALHO NA PESCA

Categoria de Pescadores	Tempo de Pesca									
	Sempre	%	1/4	%	5/9	%	10/19	%	+20	%
Total de Pescadores	32	35.0	4	4.4	8	8.8	23	25.2	24	27.4
1. Pescadores Industriais	14	35.0	2	5.0	6	15.0	10	25.0	8	20.0
2. Pescadores Artesanais	18	35.2	2	3.9	2	3.9	13	25.5	16	31.4

Esta tabela é significativa na medida em que permite fazer algumas inferências sobre a profissionalização dos pescadores. É claro que não é somente a permanência no setor que permite uma profissionalização. Outros elementos são também importantes, como a estrutura de valores, a intensidade do exercício de profissão, etc. Entretanto pode-se observar que somente 35% dos pescadores tinham trabalhado sempre na pesca (sendo possivelmente filhos de pescadores) e não se manifestou diferença significativa entre os industriais e os artesanais: entre estes últimos, mais de 55% tinham entrado há mais de 10 anos na pesca, vindo confirmar outras informações de que a atividade pesqueira artesanal se tornou mais sólida a partir do estabelecimento de um mercado de compra e venda do pescado no início da década de 1950, com a construção da estrada ligando Ubatuba a Caraguatatuba e do Entreposto. Os que passaram para a pesca entre 1/9 anos, somaram 20% entre os industriais e só 8% entre os artesanais, revelando que os primeiros continuam ingressando na pesca com maior intensidade que os segundos.

No que diz respeito às ocupações anteriores à pesca, 86% dos pescadores industriais tinham saído da lavoura, enquanto que essa porcentagem se reduzia à metade (43.5) entre os artesanais. De fato, esse fenômeno é bem visível em Picinguaba e adjacências onde a grande maioria dos jovens que trabalham embarcados tiveram como última ocupação a lavoura. Esse componente rural do pescador embarcado, e o fato de sua família dispor de um pedaço de terra perto ou longe da praia funciona como um refúgio quando ele não está trabalhando.

Mesmo assim é evidente que a vinculação do pescador industrial com a terra é menor que a do artesanal. Se o primeiro passa direto da lavoura para o barco é porque a deterioração das condições da agricultura no local impedem-no de continuar nessa ocupação. Por outro lado, o contato maior do embarcado com os centros urbanos maiores como Santos e Rio de Janeiro faz com que ele vá absorvendo valores urbanos que se manifestam inicialmente na maneira de se comportar, no modo bizarro de se vestir imitando os jovens da cidade, etc. Nas praias como Picinguaba, no "claro" pode-se observar os jovens embarcados trajando camisas estampadas, calças justas e usando cabelo comprido, fenômeno que não se encontra nos artesanais das praias geograficamente mais isoladas.

Um outro sistema de vinculação com as atividades agrícolas é o uso ou não do forno de fazer farinha de mandioca. Enquanto que 29,5% dos artesanais afirmavam ter o forno, somente 15.5% dos industriais o possuíam. Dentro das sub-categorias a diferenciação é até mais significativa, pois entre os artesanais "donos dos aparelhos de pesca" a porcentagem se elevava a 37.1% enquanto que para os camaradas, não passava de 12.5%. Evidentemente a sub-categoria dos mestres de barco é a que mais se identifica com a pesca: nenhum deles exerce outra atividade paralela e não tem forno de farinha.

Em termos de praias é interessante se observar, que a atividade agrícola exercida conjuntamente com a pesca pelos artesanais é mais presente em praias como Ubatumirim, Camburi, ao norte do município. Aliás é Ubatumirim que possui o maior número de agricultores nessa parte norte do município e eles são fornecedores de farinha de mandioca para Picinguaba, núcleo agora mais especializado na pesca da sardinha. Já nas praias mais próximas à cidade as atividades complementares não são agrícolas e sim do ramo de serviços (construções civis, biscates, etc.) como é o caso do Lázaro, Enseada e Maranduba.

Quanto a algumas características gerais da população de pescadores é desnecessário se afirmar que vivendo em sua grande maioria em situação de extrema marginalização, pois seus rendimentos em geral só lhes permitem a sobrevivência, os pescadores apresentam baixos índices de alfabetização. Em Ubatuba, só 7.7% do total podem ser considerados funcionalmente alfabetizados. A enorme maioria ou é semi-alfabetizada ou simplesmente analfabeta. Entre os pescadores industriais o índice é mais elevado que entre os artesanais (12.50 contra 2.9%) pois estes são geralmente mais novos e são obrigados pelo menos a ler e escrever para tirar a

carteira de trabalho. Entre os mestres de barco a totalidade é alfabetizada, pois cabe a eles a contabilidade da pesca, o embarque e desembarque dos tripulantes, a leitura de instrumentos, etc.

Em Ubatuba, 61.5% dos pescadores moram em casa própria, normalmente em situação precária, enquanto que os demais tem casas cedidas ou alugadas situação menos comum. Entre as sub-categorias estudadas, a dos camaradas é que apresenta uma maior proporção dos que não tem casa própria, 62.5%. Aliás, dentre as categorias, a dos camaradas é a que está em piores condições, pois não possuindo instrumentos de trabalho, vivem na dependência de outros (96.1% deles são analfabetos ou semi-alfabetizados).

Nas praias de Ubatuba, próximo à sede municipal, consideradas entre as mais belas do sul do país, o pescador caçara sofreu, desde a abertura da estrada, um processo de expulsão de suas casas pelas firmas loteadoras ou pessoas de São Paulo, que a troco de nada adquiriram a posse das terras e os foram desalojando para lugares mais distantes. Em algumas praias o fato dos ricos proprietários, geralmente da Capital, cercarem terrenos impede os pescadores de chegarem à praia com suas embarcações. Constatase portanto, que com a vinda do turismo houve não só a desorganização da pesca artesanal não motorizada, mas uma marginalização maior ainda, com o afastamento coagido de seu ambiente natural de trabalho: o mar.

11. PARTICIPAÇÃO SOCIAL

Em Ubatuba, percebe-se uma participação relativamente fraca em atividades comunitárias. Comparando-se com as comunidades agrícolas as que se dedicam à pesca apresentam formas menos intensas de solidariedade e ajuda mútua.

Uma hipótese que explicaria, em parte a questão, se fundamenta no fato de o pequeno pescador explorar um bem comum, que é o mar. Na medida em que ele passa a conhecer os lugares de pesca melhores, técnicas mais apropriadas, torna-se cioso de seus segredos e prefere explorá-los sozinho ou com a ajuda de um camarada. No fundo ele sente que na medida em que levar mais gente para o pesqueiro, sua produção vai ser menor. Um outro fator que parece ter aumentado o individualismo parece ser a proliferação de seitas protestantes que, agressivamente, romperam o mundo de valores religiosos mais ou menos uniforme antes existente. Assim, como os protestantes não vão a festas, consideram a dança de São Gonçalo uma "adoração de imagens", foi-se rompendo a solidariedade anteriormente existente. Subjacente a todos esses fenômenos está no fundo a expansão da economia monetária e do princípio do lucro, como racionalizador das atividades econômicas e sociais. O mutirão já não dá mais certo, pois custa muito se comprar os mantimentos para a festa que o segue. Na medida em que de fato, os indivíduos se afastam da lavoura a produção de mantimentos é mais custosa e a comida tem que ser comprada, onerando os custos do mutirão.

Por outro lado, a maioria dos proprietários impossibilitados de fornecer alimentos ao fim do mutirão, davam somente cachaça durante o baile, o que contribuía ainda mais para desordens e brigas que afastavam as danças, e descreditavam a atividade. É o rompimento de uma estrutura marcada pela produção do auto-consumo para uma outra mais voltada para o mercado em que um dos processos é o declínio da autoridade tradicional.

De qualquer maneira, o mutirão é antes de tudo uma forma de solidariedade entre indivíduos que se dedicam à lavoura. A pesca com exceção do arrastão de praia, que praticamente já sumiu de nosso Litoral, não comporta o mutirão.

Mutirão estuda esse processo no Litoral Sul e apesar de analisar o mutirão ou outras formas de ajuda mútua sob o prisma de controle social e de sua função de desesti-

mular o comportamento divergente, chega a conclusões semelhantes: "Embora os fatos ressaltados por uns informantes se passem já numa época em que a crise a que vimos aludindo constantemente, era já uma realidade o que até certo ponto explica o ocorrido, eles demonstram já uma certa ruptura com o sistema de valores. A passagem à pesca, enfatizou um de nossos informantes, possibilitou uma maior individualização pois bastava encontrar dois companheiros e sair para a pescaria, "sem dar satisfações a ninguém". Terminada a pescaria, aguardava o barco de Santos que pagava imediatamente e com dinheiro "vivo". "O homem ficava mais dono de si", comenta "gastava o dinheiro como queria, e não dependia de ninguém".(10)

QUADRO 26

PARTICIPAÇÃO SOCIAL – UBATUBA

Categoria de Pescadores	Baile				Igreja			
	sim	%	não	%	sim	%	não	%
1. Pescadores Industriais	17	42.5	23	57.5	23	42.5	17	57.5
1. 1. Tripulantes	16	45.7	19	54.3	20	57.1	15	42.9
1. 2. Mestre	1	20.0	4	80.0	3	60.0	2	40.0
2. Pescadores Artesanais	10	20.0	40	80.0	37	74.0	13	26.0
2. 1. Donos dos aparelhos de pesca	5	14.7	29	85.3	25	73.5	9	26.5
2. 2. Camaradas	5	31.2	11	68.8	12	75.0	4	25.0
TOTAL	27	30.0	63	70.0	60	66.7	30	33.3

Como se pode analisar pelo Quadro 26, 70% dos pescadores afirmaram que não iam a baile normalmente, verificando-se o inverso no que diz respeito à participação em atividades religiosas.

Entretanto, a participação por sub-categorias é bastante significativa. Dos pescadores industriais, 42.5% afirmaram ir a bailes freqüentemente, enquanto que somente 20% artesanais o faziam. Da mesma forma, mais da metade dos pescadores industriais não vão a igreja, enquanto que a enorme maioria dos artesanais (74.0) participavam das atividades religiosas.

Essas proporções podem indicar o grau mais elevado de secularização dos pescadores industriais, em maior contato com os grandes meios urbanos de Santos e Rio de Janeiro, ao passo que os artesanais continuam mais presos às tradições locais e aos vínculos religiosos (alguns protestantes proibem a ida aos bailes).

Como corolário da desorganização dos valores, as festas religiosas tradicionais estão em vias de desaparecimento nas comunidades pesqueiras do Litoral Norte. As festas de Reis, S. Gonçalo e outras, quase não existem mais. "A Bandeira do Divino do ano passado passou aqui só pegando dinheiro", afirmou um dos entrevistados. Desestimuladas pelas autoridades católicas

que vêm nelas mais uma manifestação do sincretismo religioso, desprezadas pelos protestantes que a consideram uma "festa de adoração de imagens", as manifestações culturais vão desaparecendo. E com elas parecem desaparecer a viola, o cavaquinho e outros instrumentos caipiras que passam a ser substituídos pela música da cidade.

12. DIFICULDADES E ASPIRAÇÕES

Um aspecto importante na análise do setor pesqueiro da área estudada é a percepção que os agentes tem de sua atividade e as aspirações que brotam daí.

O Quadro seguinte permite visualizar o nível de aspirações dos pescadores de Ubatuba em suas diversas categorias.

QUADRO 27

PERMANÊNCIA NA PESCA – UBATUBA

Categoria de Pescadores	Vontade de Continuar na Pesca			
	Sim %	Não %	Depende %	Não Depende
Pescadores	81.3	14.3	3.3	1.1
1. Industriais	92.5	5.0	2.5	—
1.1. Embarcados	91.4	5.7	2.8	—
1.2. Mestre de barco	100.0	—	—	—
2. Artesanais	72.5	21.6	3.9	1.9
2.1. Dono dos aparelhos de pesca	77.1	22.8	—	—
2.2. Camaradas	62.5	18.7	12.5	6.2

Apesar das precárias condições da atividade pesqueira, 81.3% dos entrevistados declararam querer continuar na profissão, ainda que nas sub-categorias, 91.4% dos embarcados tivessem este desejo, contra 72.5 dos artesanais. Essas porcentagens parecem revelar que apesar das dificuldades da vida do mar, a quase totalidade dos pescadores industriais pretendem continuar na pesca, pois essa atividade significa uma melhoria sobre as condições mais degradantes da agricultura que nem chega a lhes garantir o mínimo vital. Já entre os pescadores artesanais os que desejam abandonar a profissão são em número maior. Mesmo uma parte dos que pretendiam continuar na pesca, somente o faziam por perceber que não teriam capacitação para outras atividades.

ASPIRAÇÃO PROFISSIONAL EM RELAÇÃO AOS FILHOS

Categoria	Aspiração Profissional em Relação aos Filhos			
	Quer os filhos na pesca	Não quer os filhos na pesca	Depende dos filhos	Não sabe
Pescadores	13.2	30.7	29.9	13.3
1. P. Industriais	32.3	32.3	22.5	12.9
1.1. Embarcados	34.2	26.9	23.1	15.4
1.2. Mestre de barco	20.0	60.0	20.0	—
2. Artesanais	4.8	44.0	29.2	21.9
2.1. Donos dos apar. de pesca	3.4	44.8	34.8	17.2
2.2. Camaradas	8.3	41.6	16.6	33.3

É interessante se observar que dentre todos os pescadores só 13.2% deles pretendem que seus filhos continuem na pesca. Nas sub-categorias percebe-se que entre os tripulantes da pesca industrial essa porcentagem se eleva para 32.3%, revelando que eles encaram com um pouco mais de otimismo a profissão. Essas opiniões mais favoráveis em relação à pesca, se explicam em parte, pelo fato de terem eles saído de uma situação pior como era a lavoura, sem muitas perspectivas no Litoral Norte.

Já entre os pescadores artesanais, a porcentagem dos que pretendem a profissão de pescador para os filhos se reduz para 4.8%, revelando a precariedade das condições dessa sub-categoria. De uma maneira geral, a maioria dos pescadores acha sua profissão ingrata e muito dura. No caso do pescador artesanal existe uma esperança: vender sua "posse" na praia por um bom dinheiro e morar na cidade. Aliás, esse fenômeno vem ocorrendo com frequência em Ubatuba, especialmente por pescadores de algumas praias do norte do município.

Esse processo já é muito conhecido; os turistas adquirem os terrenos onde os pescadores artesanais tinham suas casas e seus ranchos para apetrechos de pesca. Atraídos por uma remuneração mais certa e por trabalho menos penoso, os pescadores abandonam a pesca e vão se empregar como caseiros, como trabalhadores de construção civil, como autônomos de pequenos negócios de frutas ou produtos locais, indo à pesca somente em fins de semana. Os poucos que permanecem na captura são confinados para os extremos da praia, onde vivem em condições piores que as anteriores, ou são obrigados a se transferir para longe da praia, com enormes dificuldades para o manejo de seus apetrechos de pesca. Desta maneira, a pesca artesanal nas praias mais próximas ao centro urbano, especialmente na Maranduba, Toninhas, Enseada, Perequê-Mirim e outras mais, está reduzida à atividade de alguns velhos pescadores que por não poderem mais arrumar outra atividade, nela permanecem. Já em praias mais

QUADRO 29

UBATUBA – QUADRO COMPARATIVO ENTRE ALGUMAS PRAIAS

Locais de Pescadores	Número de Pescador	TECNOLOGIA									Renda Média Mensal
		Pesc. c/ motor	%	Pesc. s/ motor	%	Cercos Flutu.	C/Rede	%	S/Rede	%	
Praias Turísticas											
1. Maranduba Lagoinha - Sabé	17	1	6.0	16	94.0	1	13	76.4	4	23.6	150,00
2. Lázaro	8	4	50.0	4	50.0	0	4	50.0	4	50.0	291,00
3. Enseada	7	2	28.5	5	71.5	2	4	57.2	3	23.6	158,00
Praias de Pesca											
1. Pinguaba	80	7	9.0	73	91.0	3	20	25.0	60	75.0	396,00
2. Almada	32	5	16.0	27 (6SR)	84.0	0	11	35.4	21 (4SR)	65.6	389,00
3. Saco da Ribeira	43	7	16.0	30	70.0	7	18	47.0	21	35.4	407,00

OBSERVAÇÃO : Incluindo a renda dos pescadores semi-industriais e industriais.

distantes, onde o turismo ainda não chegou dada a inexistência de vias de acesso, a pesca ainda se mantém com alguma regularidade, especialmente naquelas que como Picinguaba, em que os pescadores são embarcados em traineiras. De uma maneira geral, pode se afirmar que, com exclusão da praia do Saco da Ribeira, onde um empresário japonês, mantém uma frotilha especializada no cação das praias do norte, da sede municipal e do Portinho, na cidade, onde operam os botes e baleeiras semi-industriais, a pesca artesanal é de pouco significado. O Quadro 29 permite visualizar algumas diferenças entre as praias já urbanizadas pelas atividades turísticas e as demais, já distantes em que a pesca artesanal desempenha um papel importante. Como se constata no referido Quadro a renda dos pescadores das praias em que predomina o turismo é bem menor que naquelas, ainda afastadas do centro urbano. Enquanto que nas primeiras, a renda média está por volta de 199,00, na segunda a renda média mensal alcançada é 397,00.

Essa diferenciação se dá sobretudo porque nas praias mais distantes a pesca ainda é a única atividade econômica, como sucede em Picinguaba.

Picinguaba ocupa, sem dúvida, uma posição importante na pesca local, pois é uma vila bem ao norte do município destituída de vias de acesso terrestres. É o melhor porto daquela região, pois encontra-se protegido do temido vento sul que quando sopra forte pode fazer naufragar embarcações ancoradas em outras praias, como Ubatumirim.

Em Picinguaba dos 80 pescadores cadastrados, 70% são embarcados em traineiras que se dedicam à pesca da sardinha no tempo "escuro", cerca de 21 dias de pesca por mês. É aí que os mestres de barco vêm buscar os tripulantes, rapazes novos, vindos muitas vezes da lavoura das proximidades.

Já no Saco da Ribeira, local próximo da cidade, a pesca é mantida por uma família de japoneses que se especializou na captura do cação. O chefe da família é dono de uma salga de sardinha, de 6 barcos, (algumas vezes arrendados para pessoas do local), de uma câmara frigorífica de 14 toneladas. Ele mesmo constrói os barcos, geralmente de 9 a 11 metros. A estória desse pequeno empresário é interessante, pois ele nunca tivera pessoalmente experiência em atividades pesqueiras. Vindo do interior, onde era lavrador, vendeu sua fazenda e comprou o terreno do Saco da Ribeira onde começou a construção da infra-estrutura para a captura. Vendo um parente seu construir pequenas embarcações, aprendeu a fazer outras maiores e hoje tem um pequeno estaleiro em que monta mais de duas embarcações por ano.

Muitas vilas de pescadores de Ubatuba, especialmente as da parte norte do município, são quase que isoladas geograficamente, por não terem estradas. A BR-101 que está sendo construída provoca muita expectativa entre os pescadores.

QUADRO 30

OPINIÕES SOBRE A NOVA ESTRADA BR-101

Categorias	A BR-101 vai melhorar o local %	A BR-101 vai piorar o local %	A BR-101 vai deixar na mesma o local %	Não sabe %
Pescadores	80.2	9.3	2.1	8.3
1. Industriais	90.5	2.4	2.4	4.8
1.1 Tripulantes	91.9	2.7	2.7	2.7
1.2 Mestres	80.0	—	—	20.0
2. Artesanais	68.2	18.6	9.5	9.5
2.1 Donos dos ap. de pesca	71.4	14.3	7.1	7.1
2.2 Camaradas	61.9	9.5	14.3	14.3

A imensa maioria vê na futura estrada uma fonte de inúmeras melhorias para sua vida, pois mais de 80% dos pescadores acham que ela vai beneficiar o local. Dentre as categorias profissionais, os tripulantes são os mais otimistas, pois 91.9% acham que a estrada trará melhorias, ao passo que a maior porcentagem dos pessimistas está entre os artesanais pois acham que com a estrada acabar-se-á o "sossego", virão os "jagunços" tomadores de terra, etc. . . Aliás essa diferença entre embarcados e artesanais é significativa pois enquanto os primeiros, dada a sua maior mobilidade e desprendimento da família, acham que a estrada só trará benefício, os segundos, especialmente nas comunidades pouco estruturadas, temem a desorganização social, a renovação. Entre os que acham que a estrada vai piorar o local, estão os donos de aparelhos de pesca, por vezes também negociantes que temem a perda de seus privilégios.

Dentre os que encaram a estrada como uma melhoria, 31.3% acreditam que aumentarão os recursos, tais como escolas, hospitais, etc., 29.5% pensam numa melhoria de transportes.

É interessante que nenhum das categorias relacionou a vinda das estradas com a melhoria das atividades pesqueiras.

Em relação à permanência na pesca, mesmo com a vinda da BR-101, 44% afirmaram que permanecerão na pesca, 21.9% procurarão outras atividades, enquanto que mais de 30% não sabem como proceder. Dentre as sub-categorias, os mestres que sem dúvida são os mais profissionais, querem permanecer na pesca, enquanto que os camaradas tentarão outras ocupações.

13. INDÚSTRIA DA PESCA

A rigor não se pode falar em "indústria de pesca" no Litoral Norte, pois com exceção de uma moderna unidade em S. Sebastião, os demais são "firmas" artesanais que trabalham com técnicas primitivas beneficiando uma quantidade muito reduzida de pescado. São "indústrias" que estão em crise permanente, devido às dificuldades de entrarem numa produção em escala maior, por diversas razões, entre as quais estão a insuficiência e intermitência de fornecimento de matéria prima. As indústrias artesanais mais representativas são as salgas de sardinhas em Ubatuba e Ilha Bela (defumação).

Como se pode observar pelo Quadro 31, a produção das chamadas salgas (de Ubatuba e Ilha Bela) é relativamente pequena.

Essas pequenas empresas utilizam uma tecnologia bastante precária especialmente as de Ilha Bela, que somente defumam e prensam a sardinha. Os métodos aí são bastante primitivos e todas as operações são manuais. Logo que a sardinha é desembarcada é levada aos tanques com sal e posteriormente aos fornos (em tabuleiros). A sardinha defumada é levada então para a secagem final (ao sol). Já a sardinha prensada é levada a um tanque de água fervendo, comprimida e levada para a secagem.

Em Ubatuba as empresas são melhor organizadas e dispõem de equipamentos para o enlatamento.

As indústrias mais tradicionais têm grande dificuldade para seu funcionamento, tais como: irregularidade no fornecimento da sardinha dada a inexistência de gelo, altos custos de produção, incidência do ICM que onera o produto (17%), inconstância da mão-de-obra, falta de capital de giro e falta de capacidade técnica para o lançamento de novos produtos.

As salgas utilizam pouca mão de obra fixa. Em épocas de maior atividade, quando a matéria prima é mais abundante, são recrutados trabalhadores temporários e sem qual-

QUADRO 31

FIRMAS DE BENEFICIAMENTO DE PESCADO NO LITORAL NORTE - 1969 - 1970

Local	Nº	Tipo	Nº médio de empregados	Prod. Anual Méd./Firma Ton.	Tempo de Funcionamento - (Anos)		
					1/9	10/19	Mais de 20
Ubatuba	4	Enlatamento e filetagem de sardinha	20	610	25%	75%	—
Ilha Bela	4	Secagem e defumação	7	25	—	—	100%
São Sebastião	1	Filetagem, camarão descascado, etc.	300	1.134	100%	—	—

quer tipo de qualificação.

Por outro lado, as salgas de Ilha Bela tem, em geral, mais de 20 anos de atividade, e não apresentaram até hoje, qualquer renovação em seus métodos de beneficiamento da sardinha defumada que conta com um mercado certo, mas restrito, que é a colônia japonesa. A situação aí é de fato lastimável, pois nenhuma delas pensava em lançar novos produtos, procurar financiamento bancário, ou comprar novas máquinas para aumentar a produção.

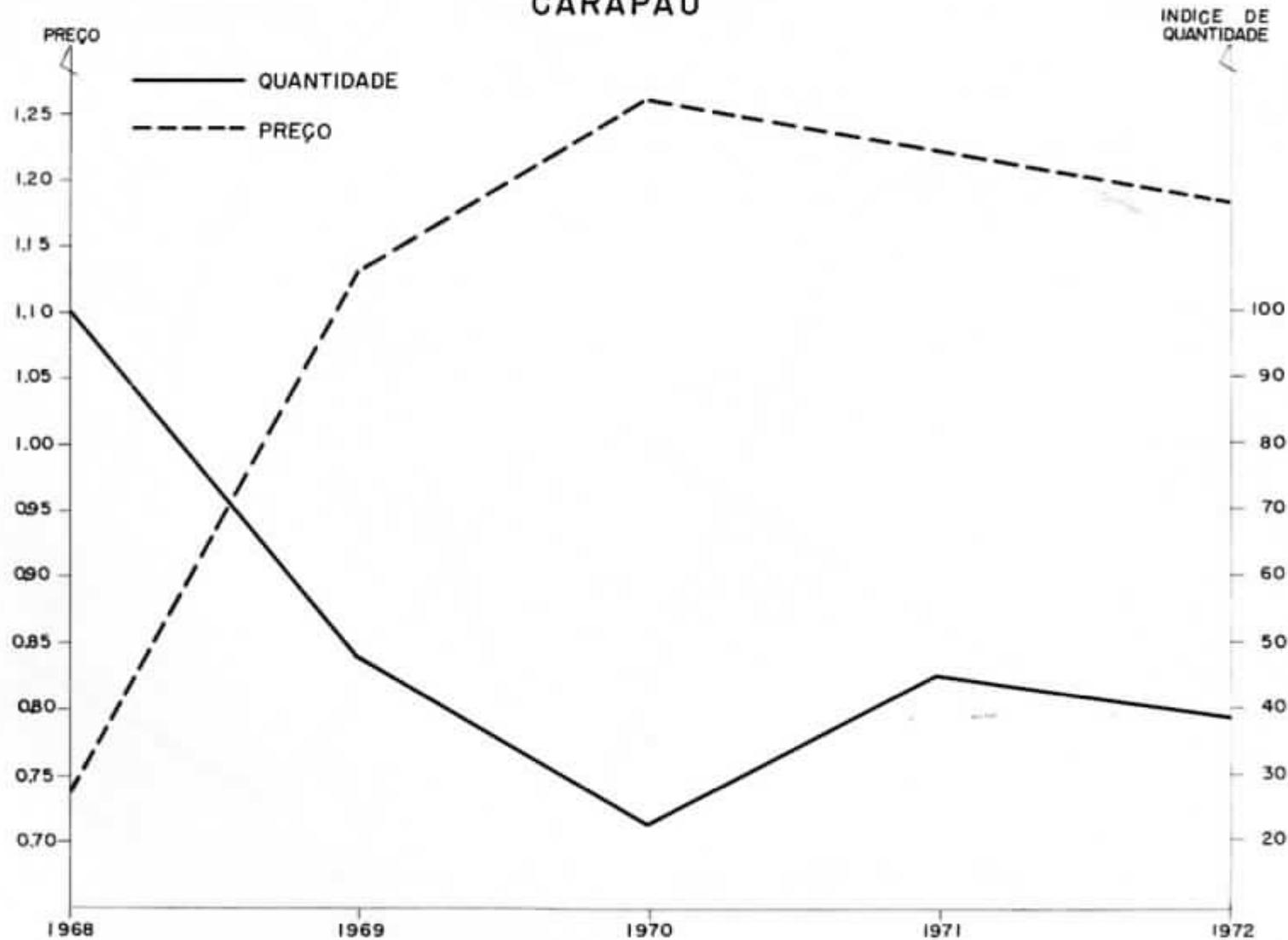
Mas em Ubatuba, a situação era um pouco melhor, pois 50% das salgas pretendiam lançar novos produtos e a quase totalidade pretendia comprar máquinas novas para aumentar sua produção, que se destina, em parte, para o próprio interior do Estado e para os Estados do Nordeste. Das salgas de Ubatuba, 75% tinham entrado em funcionamento há mais de 10 anos.

Em São Sebastião está instalada a única empresa moderna do gênero na região, ocupando mais de 300 operários e exportando a quase totalidade de sua produção (camarão) para o mercado internacional. É uma empresa que está sempre se modernizando, mas é justamente este processo que poupa a utilização da mão-de-obra, tão importante para a região. A CONFRIO por exemplo, adquiriu recentemente uma descascadora automática de camarão que faz o trabalho de mais de 100 operários.

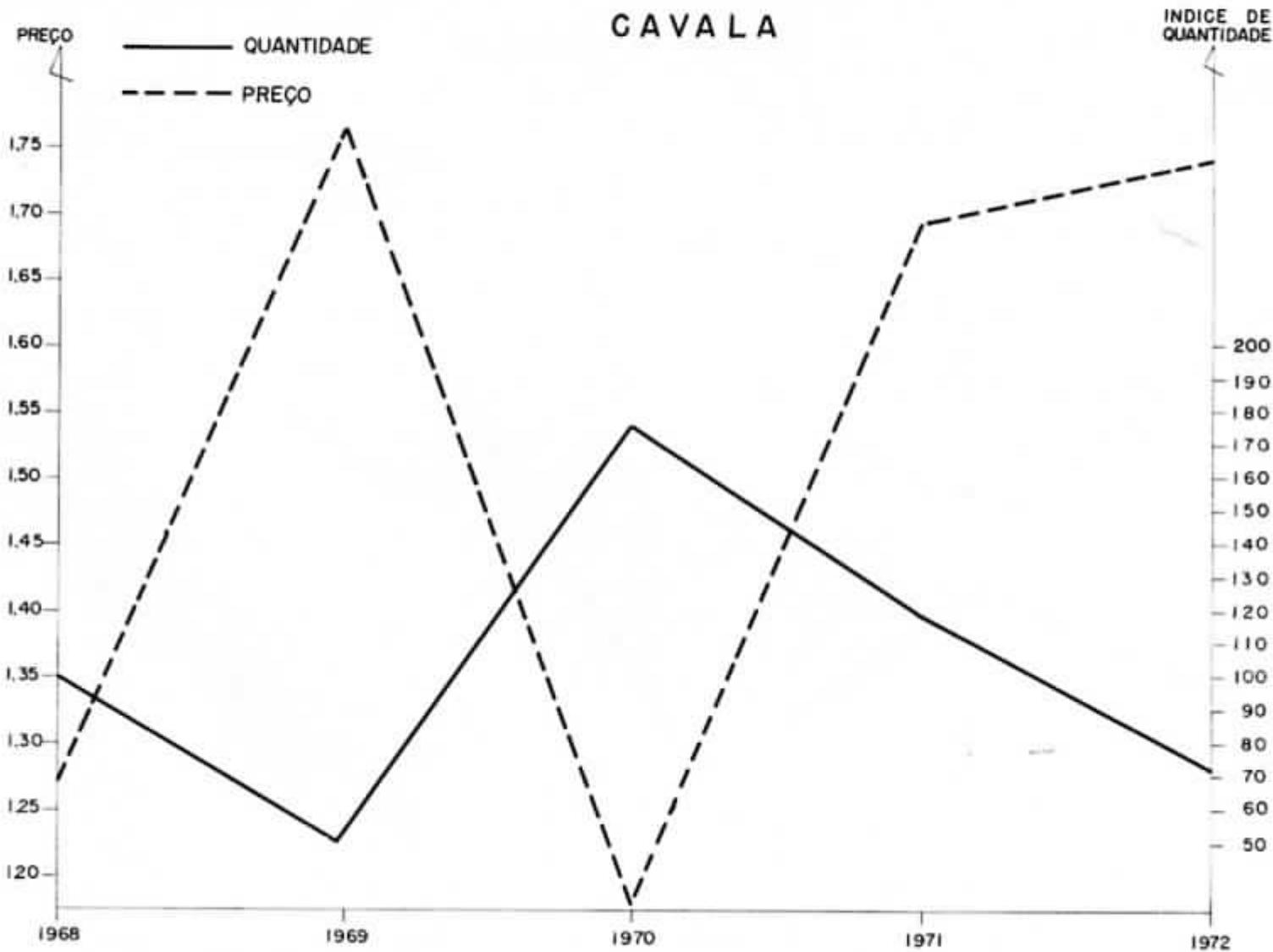
Em suma, constata-se uma crise geral nas empresas artesanais, cuja maioria está à beira da falência, enquanto que por outro lado, as firmas modernas que se instalaram começam a poupar mão-de-obra local, agravando-se assim o problema do sub-emprego.

A N E X O S

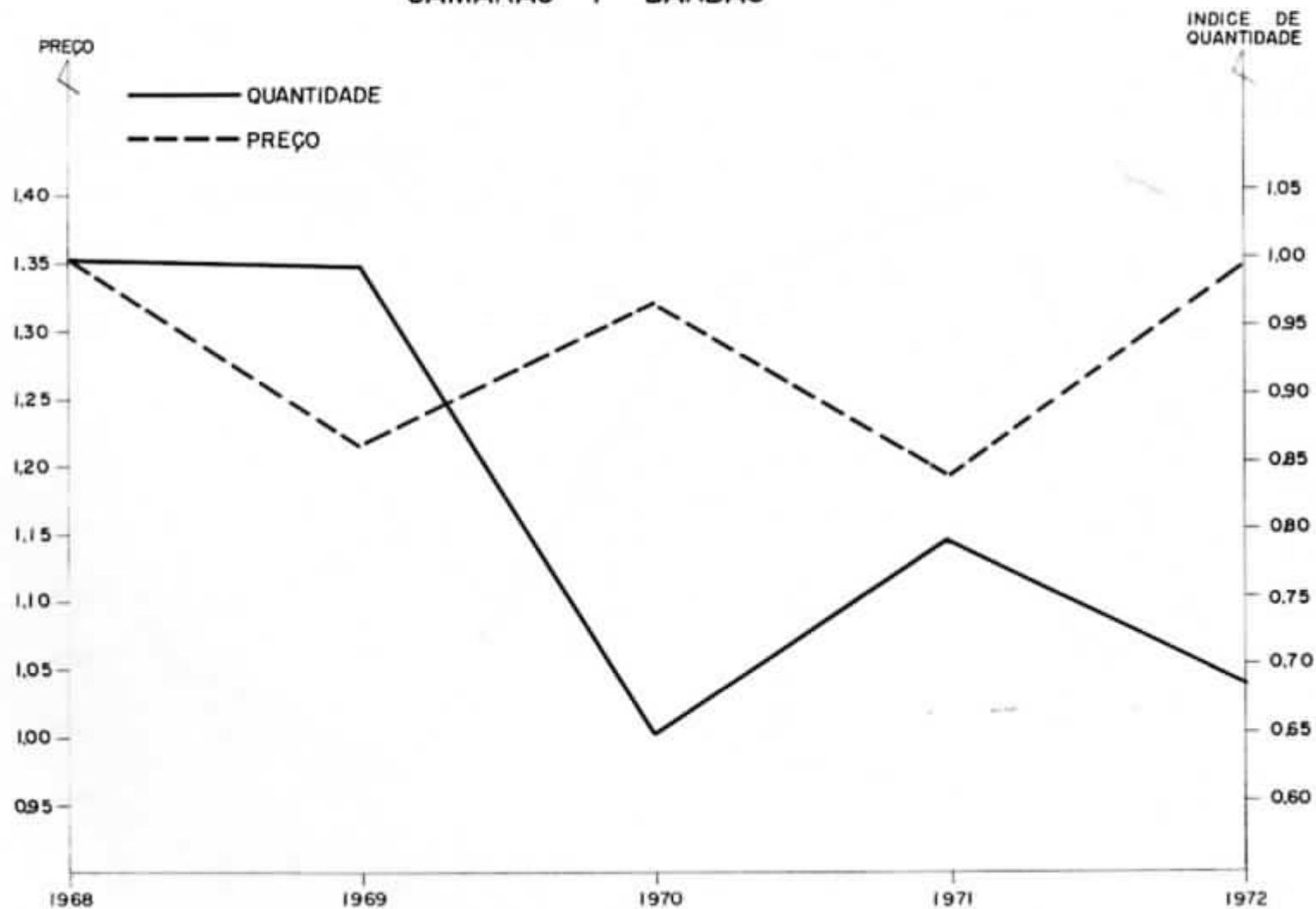
CARAPAU



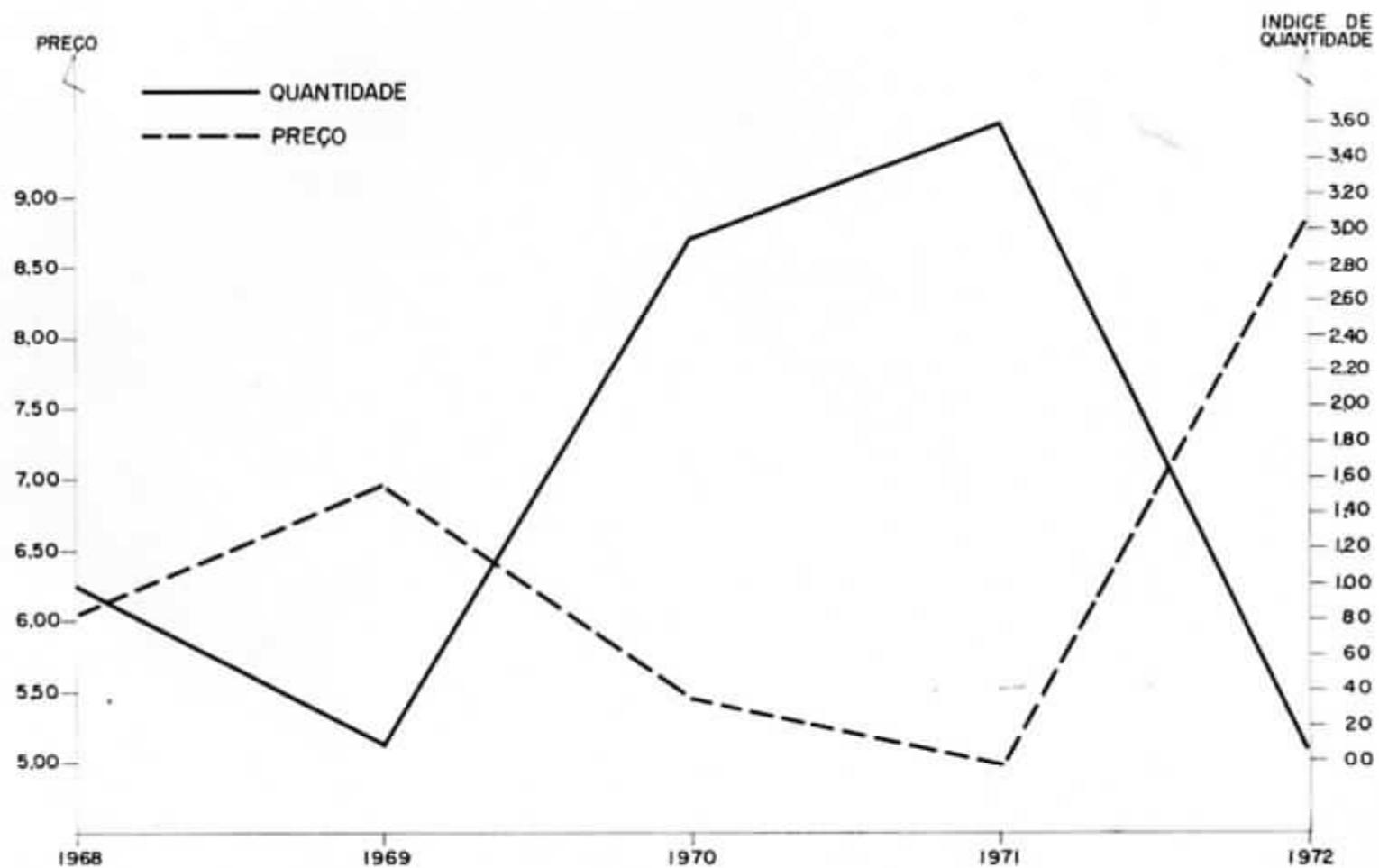
CAVALA



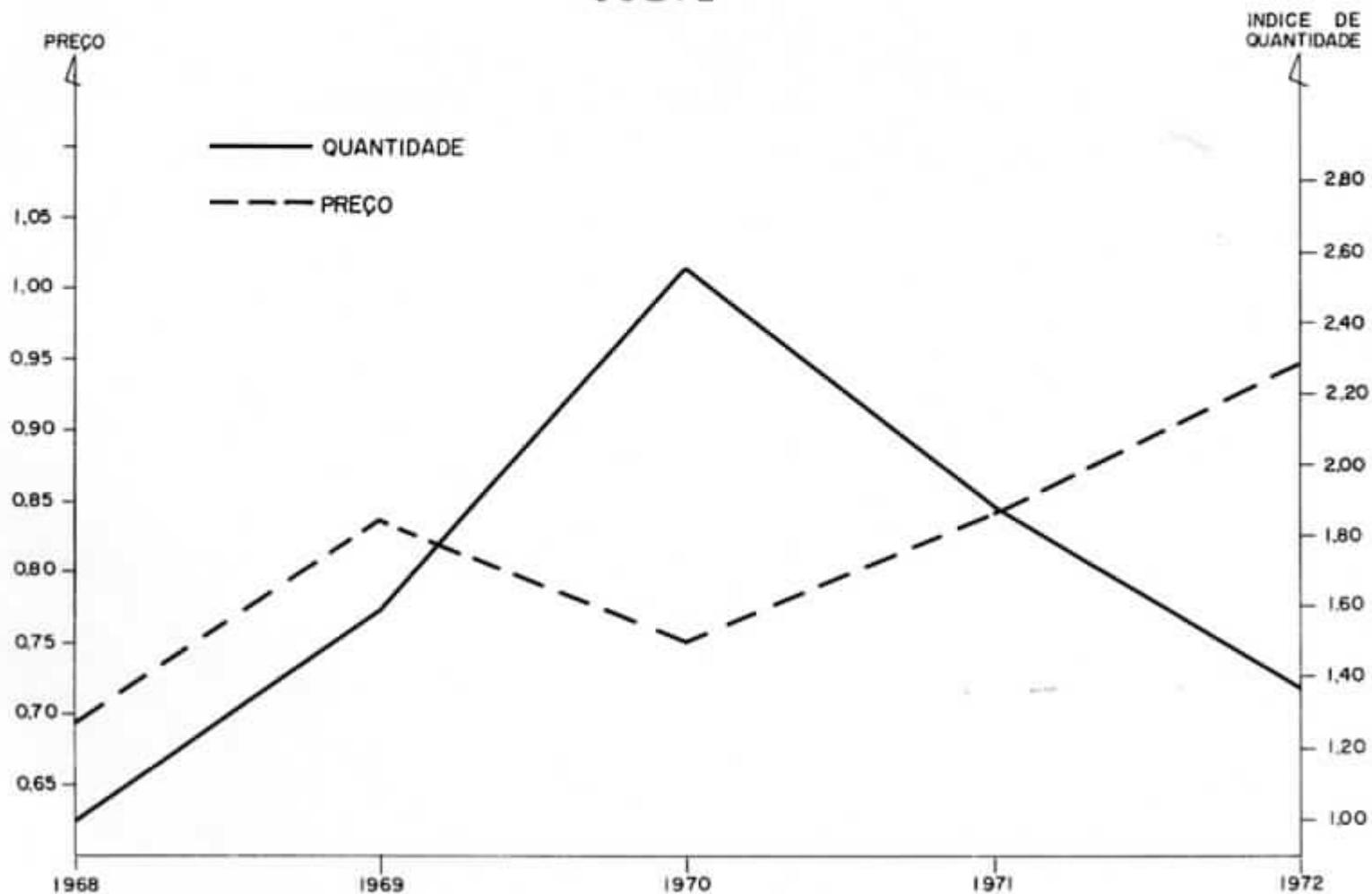
CAMARÃO 7 BARBAS



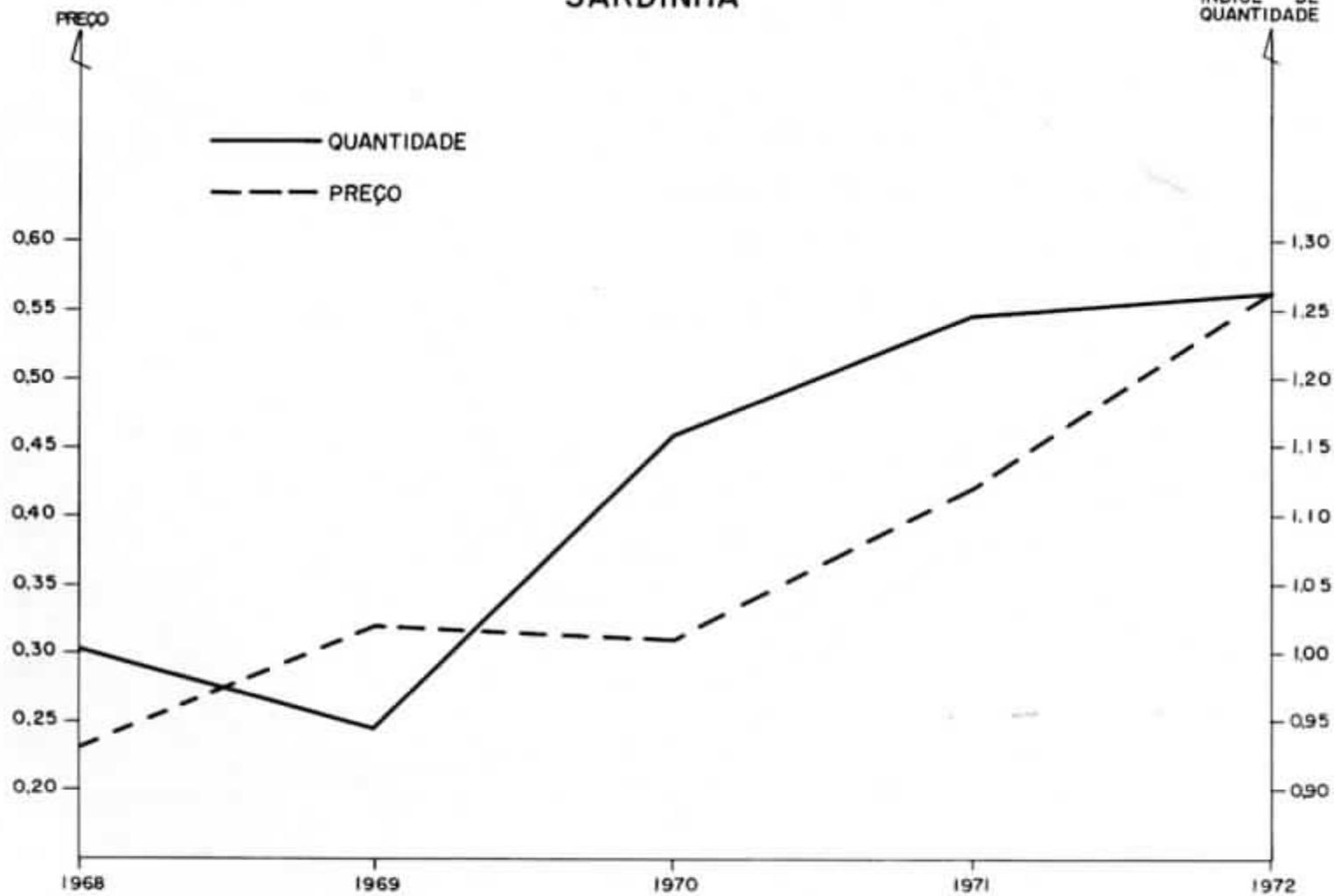
CAMARÃO LEGÍTIMO

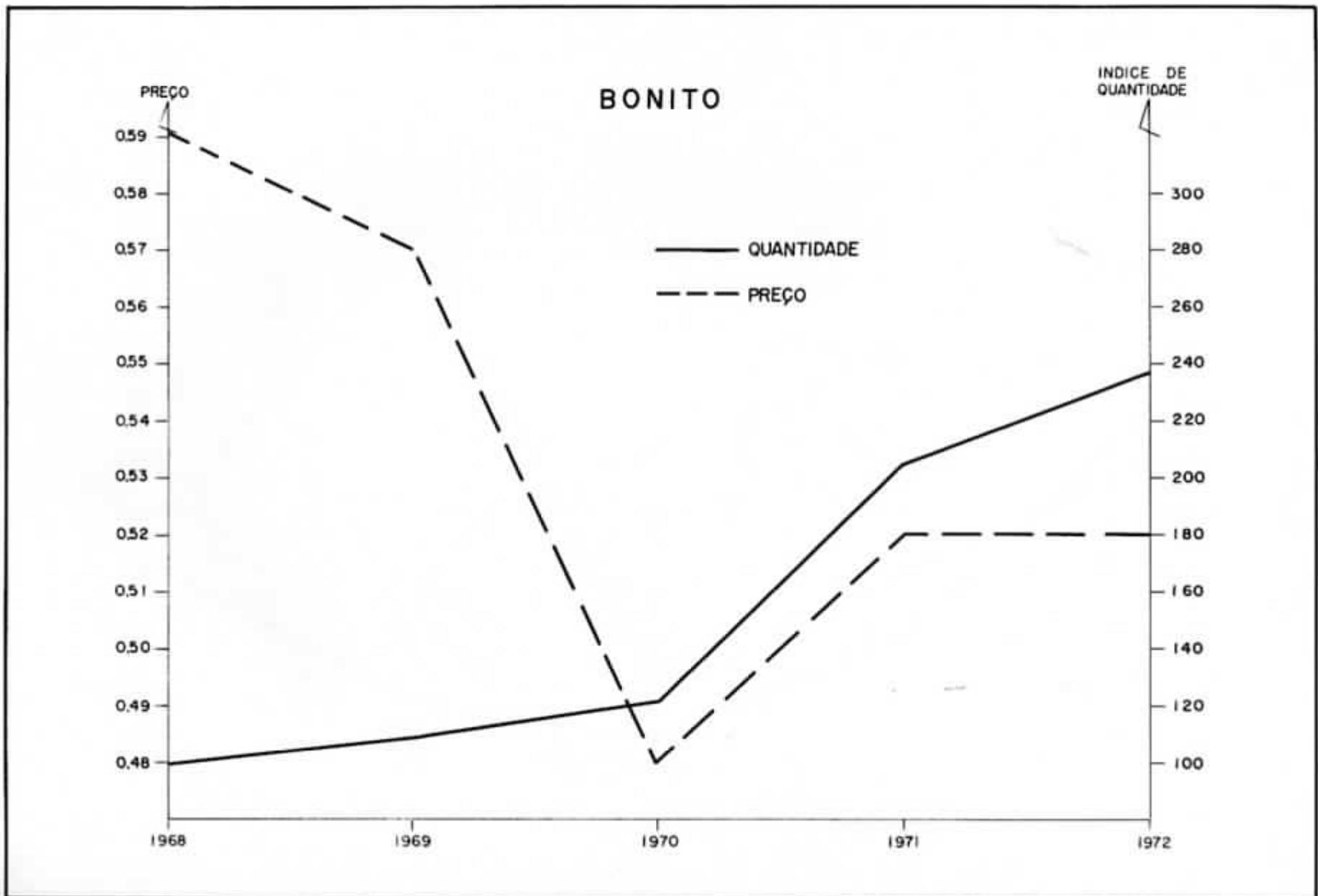


GOETE

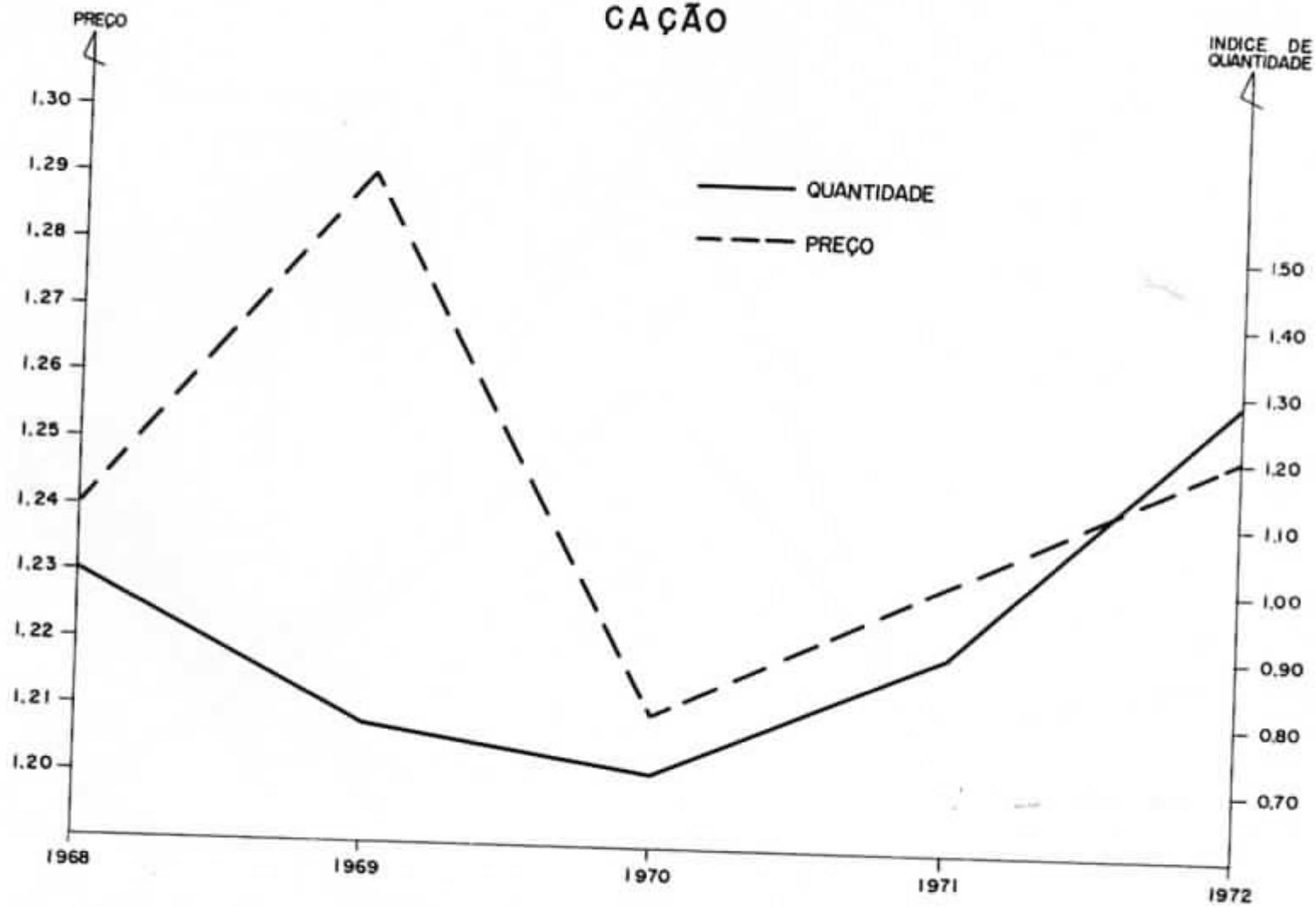


SARDINHA

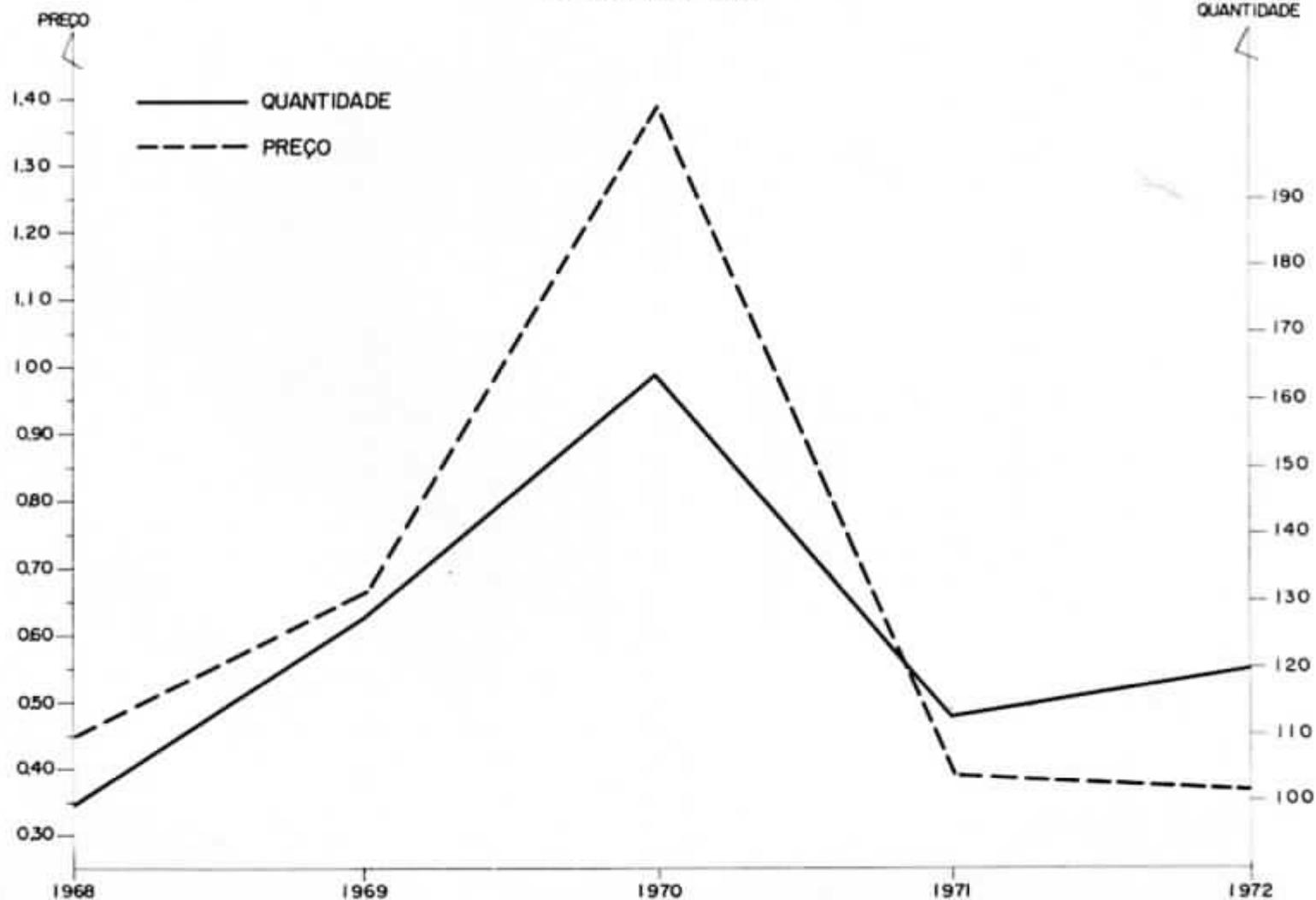




CAÇÃO



CAVALINHA



PROGRAMA DE PESQUISA E CONSERVAÇÃO
DE ÁREAS ÚNICAS DO BRASIL
INSTITUTO NACIONAL DE RECURSOS
AMBIENTAIS
Campus: Ilheus - Ilhéus - Bahia
CEP: 45.000-000
Telefone: (71) 363.2111

(No caso do pescador ser embarcado normalmente)

3.8. O Sr. está embarcado agora?

sim

não

3.9. Se não está, porque? _____

3.10. Desde quanto tempo trabalha como embarcado?

1 ano

1 - 4 anos

5 - 9 anos

mais de 10 anos

3.11. Qual o nome do barco em que está embarcado (ou do último) _____

3.12. Quantos meses trabalhou como embarcado no último ano?

1 - 3

4 - 7

8 - 12

3.13. Prefere trabalhar:

por conta própria

embarcado

3.14. Quando não está embarcado o que faz?

pesca de praia

lavoura

comércio

não trabalha

3.15. Quantos cruzeiros, em média, dá sua parte? (por mês)

- 1/99 cruzeiros
- 100/199 cruzeiros
- 200/299 cruzeiros
- 300/500 cruzeiros
- mais de 500 cruzeiros

3.16. Que acha do trabalho de embarcado?

- ótimo
- bom
- regular
- péssimo

(No caso de ser mestre de barco)

3.17. Há quanto tempo é mestre de barco?

- 1 ano
- 1 - 4 anos
- 5 - 9 anos
- 10 - 19 anos
- + de 20 anos

3.18. Como aprendeu a profissão?

- na prática
- cursos
- outros

3.19. Qual a parte que lhe cabe na produção?

- 6 partes
- 5 partes
- 3 partes

4. Produção

4.1. Quantas vezes (dias) o Sr. pesca por mês?

- 1 a 10 dias
 10 a 20 dias
 20 a 30 dias

4.2. Quantos quilos o Sr. pesca por mês?

- 0 - 50 quilos
 50 - 100 quilos
 100 - 200 quilos
 200 - 500 quilos
 mais de 500 quilos

4.3. Que peixes aparecem nos meses mais quentes?

4.4. Que peixes aparecem nos meses mais frios?

4.5. Quais são os 4 peixes que tem maior valor comercial na praia? (preço pago ao pescador)

Tipo	Preço Pago ao Pescador por Quilo
1.	
2.	
3.	
4.	

4.6. O Sr. ou sua esposa fazem artesanato?

- sim
 não

4.7. É para a venda?

sim

não

4.8. Que tipo de artesanato? _____

5. Comercialização

5.1. A sua produção:

é para consumo próprio

é para a venda

5.2. O quanto da produção o Sr. vende?

toda a produção

a maior parte

a menor parte

quase nada

5.3. O comprador:

é daqui

é de fora

5.4. O Sr. tem compromisso de vender o peixe para um só comprador?

sim

não

6. Renda

6.1. Quanto o Sr. ganha por mês?

0-50 cruzeiros

50-100 cruzeiros

100-200 cruzeiros

200-300 cruzeiros

300-600 cruzeiros

mais de 600 cruzeiros

7. Associativismo

7.1. O pessoal costuma se reunir para festas, jogos?

sim

não

7.2. Quais as festas mais apreciadas aqui?

7.3. O Sr. Participa de:

baile

reunião de Igreja

cooperativa

jogos

7.4. Existe algum interessado em melhorar as condições da pesca aqui?

sim

não

7.5. O Sr. tem casa própria?

sim

não

Forno para farinha?

sim

não

Rádio?

sim

não

8. Dificuldades e Aspirações

8.1. Quais são as maiores dificuldades para a pesca na região?

8.2. O Sr. acha que a sua produção de peixe tem aumentado ou diminuído?

8.3. O Sr. pretende continuar trabalhando na pesca?

8.4. Quer que seus filhos continuem na pesca? Porque?

9. Estradas e Turismo

9.1. O que o Sr. acha da estrada litorânea BR.-101 que passará perto daqui?

- vai melhorar o local
- vai piorar
- vai ficar na mesma

9.2. Porque?

9.3. Com a estrada provavelmente virão novas ocupações e empregos. O Sr. pretende continuar ou sairá da pesca?

QUADRO DE PRODUTIVIDADE DO CERCO FLUTUANTE EM UBATUBA

ILHA ANCHIETA – 1971

Características do cerco: 240m. de circunferência
 despesa realizada por 3 canoas
 mão-de-obra utilizada: 6 pescadores
 valor: Cr\$ 16.000,00

Mês	Espécies mais Capturadas	Produção em KG.	Valor Em Cr\$
Janeiro	espada, bonito, carapau, cavala, sororoca, xaréu	5.000	2.000,00
Fevereiro	espada	780	234,00
Março		1.700	950,00
Abril		5.800	3.600,00
Maio		6.200	2.700,00
Junho		4.050	2.050,00
Julho	cavala, sororoca	3.100	3.300,00
Agosto		3.400	2.300,00
Setembro		6.000	1.600,00
Outubro		3.800	1.570,00
Novembro		870	630,00
Dezembro	bonito	8.000	3.000,00
PRODUÇÃO MÉDIA MENSAL		4.054	
VALOR MÉDIO MENSAL			2.000,00

QUADRO DE PRODUTIVIDADE DE BARCO – UBATUBA

1971

BARCO: Maresias

CARACTERÍSTICAS:

9.20m. de comprimento

Motor Yanmar 15 HP

tripulação: 3 pessoas

capacidade de armazenamento: 4 toneladas

tipo de pesca principal: cação

equipamento de pesca: espinhel de 700 anzóis

Mês	Renda Líquida	Quilos
Janeiro	5.760,00	5.000
Fevereiro	266,00	260
Março	993,78	930
Abril	1.710,60	1.800
Maio	7.041,64	8.000
Junho	855,93	900
Julho	12.466,00	11.000
Agosto	5.766,00	6.000
Setembro	2.185,00	2.300
Outubro	1.946,00	2.000
Novembro	527,00	550
Dezembro	2.337,00	2.500



BRASIL - COSTA SUL

UBATUBA E ENSEADAS ADJACENTES

Levantamento efetuado pela Marinha do Brasil em 1948

ORTODRÔNICO EM METROS

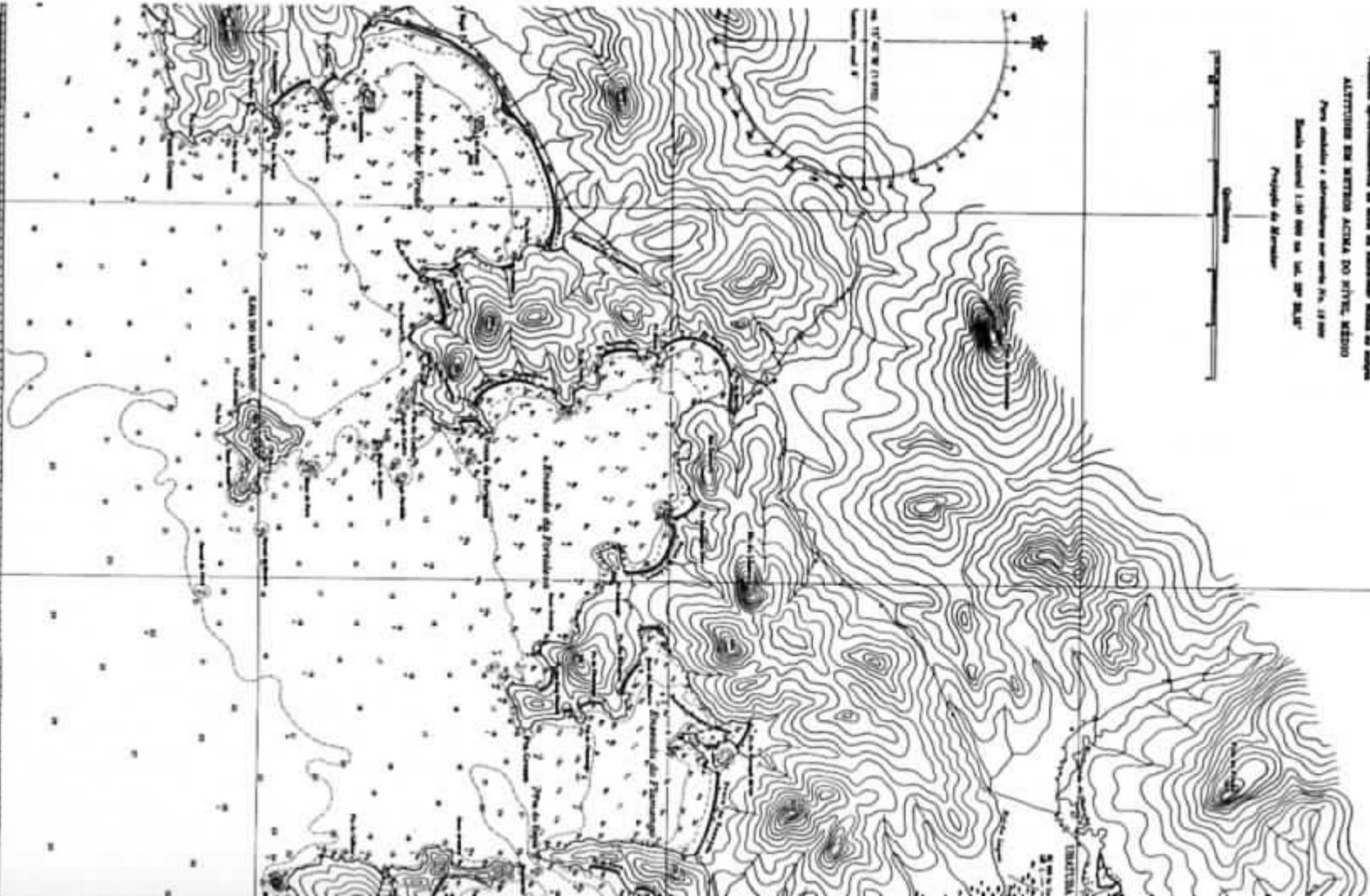
escala quadruplicada em relação ao terreno sobre o qual

ALTIMETRIA EM METROS ACIMA DO NÍVEL MÉDIO

Para detalhes e atualizações ver carta No. 17 000

Escala vertical 1:50 000 em lat. 20° S.W.

Projecção de Mercator



1:50 000	1:25 000	1:12 500	1:6 250	1:3 125
1:50 000	1:25 000	1:12 500	1:6 250	1:3 125

NOTAS

- (1) ALMEIDA, A. Paulino. "A Decadência do Litoral Paulista" — Revista do Arquivo Municipal — Ano XII, vol. 107 — 1946, pg. 43
- (2) FRANÇA, Ary. "A Ilha de São Sebastião" — Estudo de Geografia Humana — USP., boletim 178, SP 1954 pg. 152
- (3) MUSSOLINI, Gioconda. "O Cerco da Tainha na Ilha de São Sebastião" — Revista de Sociologia, vol. VII, n.º 3 — SP. 1954, pg. 37
- (4) MUSSOLINI, Gioconda. op. cit. pg. 78
- (5) MUSSOLINI, Gioconda. op. cit. pg. 78
- (6) MUSSOLINI, Gioconda. op. cit. pg. 135
- (7) MUSSOLINI, Gioconda. op. cit. pg. 181
- (8) MUSSOLINI, Gioconda. op. cit. pg. 181
- (9) FRANÇA, Ary. op. cit. pg. 151
- (10) MOURÃO, Fernando A. A. "Os Pescadores do Litoral Sul do Estado de São Paulo" pg. 101 e 102.